



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA

NÉLIDA SILVA NUNES

**A PERCEPÇÃO DE HOMENS E MULHERES QUE PASSARAM PELA
DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL SOBRE A CONTRIBUIÇÃO
DA MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Palhoça

2012

NÉLIDA SILVA NUNES

**A PERCEPÇÃO DE HOMENS E MULHERES QUE PASSARAM PELA
DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL SOBRE A CONTRIBUIÇÃO
DA MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no Curso de Graduação em Psicologia da Universidade do Sul de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Psicólogo.

Núcleo Orientado: Psicologia e Saúde.

Orientadora: Carolina Bunn Bartilotti, Dr^a.

Palhoça

2012

NÉLIDA SILVA NUNES

**A PERCEPÇÃO DE HOMENS E MULHERES QUE PASSARAM PELA
DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL SOBRE A CONTRIBUIÇÃO
DA MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA
IDENTIDADE INDIVIDUAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado no
Curso de Graduação em Psicologia da
Universidade do Sul de Santa Catarina como
requisito parcial para obtenção do título de
Psicólogo.

Palhoça, 19 de junho de 2012.

Prof. e Orientadora Carolina Bunn Bartilotti, Dra
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Deise Maria do Nascimento, Msc
Universidade do Sul de Santa Catarina

Prof. Paulo Roberto Sandrini, Dr.
Universidade do Sul de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer em primeiro lugar à minha mãe pela oportunidade, pelo apoio e principalmente por poder me proporcionar que eu cursasse a graduação em Psicologia.

Ao meu noivo e companheiro durante esta jornada, pela paciência nos momentos de intolerância e estresse, sempre por “culpa” do TCC.

Agradeço as minhas companheiras da UNISUL de Tubarão, que iniciaram comigo a construção de um sonho.

Agradeço as minhas queridas amigas da UNISUL de Palhoça que me acolheram com muito carinho.

Agradeço a todos os professores que dividiram comigo os seus conhecimentos. Principalmente a Saily que nos ensinou muito durante esse um ano de convivência, e a Carol por toda a dedicação durante as orientações de TCC.

Agradeço a banca examinadora, a professora Deise que com suas contribuições aprimorou os estudos durante este trabalho, e ao professor Paulo que aceitou dar suas contribuições na reta final.

Agradeço a todos que de alguma forma contribuíram para a elaboração deste trabalho.

LISTA DE ABREVIATURAS

CC	Código Civil
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SMF	Serviço de Mediação Familiar
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
UNISUL	Universidade do Sul de Santa Catarina

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – As oito etapas do desenvolvimento da identidade	18
Figura 2 – Fases do processo de divórcio descrito por Ahrons	23
Figura 3 – Etapas do processo de separação descrito por Ibrahim	24
Quadro 4 – Sujeitos da pesquisa	34
Quadro 5 – Objetivos/Instrumento de coleta de dados	35
Quadro 6 – Identificar a identidade de casal antes do divórcio	40
Quadro 7 – Quadro de categorias sobre o processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal	44
Quadro 8 – Quadro de categorias sobre a função de SMF no processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal	52

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO.....	10
2. INTRODUÇÃO.....	11
3. OBJETIVOS	16
3.1 OBJETIVO GERAL	16
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
4.1. INDENTIDADE INDIVIDUAL	17
4.2. RELACIONAMENTO CONJUGAL E SEPARAÇÃO	20
4.3. MEDIAÇÃO FAMILIAR	27
5. MÉTODO	33
5.1. CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA.....	33
5.2 SUJEITOS DA PESQUISA	34
5.3 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS	34
5.4. SITUAÇÃO E AMBIENTE	37
5.5. EQUIPAMENTOS E MATERIAIS	37
5.6. PROCEDIMENTOS	37
5.6.1 Procedimento de seleção dos participantes.....	37
5.6.2 Procedimento de contato com os participantes.....	37
5.6.3. Procedimento de coleta de dados.....	38
5.6.4. Procedimento de organização, tratamento e análise de dados.....	38
6. ANÁLISE	39
6.1. IDENTIDADE DE CASAL ANTES DA DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL.....	39
6.2. O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL APÓS A DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL.....	43
6.3 FUNÇÃO DO SERVIÇO DE MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL DE HOMENS E MULHERES APÓS A DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL	51
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	57
REFERENCIAS.....	59
APENDICE	63
APENDICE A – Instrumento de Coleta de Dados	64

APENDICE B – Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas .. 66
APÊNCIDE C – Termo De Consentimento Livre e Esclarecido 67

RESUMO

O presente trabalho refere-se ao processo de reconstrução da identidade conjugal de homens e mulheres que passaram pelo Serviço de Mediação Familiar para a dissolução formal do vínculo conjugal. Esta pesquisa tem como objetivo geral caracterizar a percepção de homens e mulheres que passaram pela dissolução formal do vínculo conjugal sobre a contribuição da Mediação Familiar no processo de reconstrução da identidade individual. A pesquisa por ser uma pesquisa qualitativa, de natureza exploratória e descritiva. Foram sujeitos da pesquisa quatro pessoas dentre eles, um homem e três mulheres que participaram do processo de Mediação Familiar, para a dissolução formal do vínculo conjugal. Como instrumento de coleta de dados foi utilizada uma entrevista semi-estruturada, individual e presencial. Após a realização das entrevistas os dados foram organizados e categorizados por tema e subtema sendo discutidos à partir da análise de conteúdo. Foi percebido que toda a separação conjugal acarreta sofrimentos, e a forma como cada sujeito lida com a separação é individual, conforme sua identidade foi constituída. Foi possível perceber que os entrevistados avaliaram o Serviço de Mediação Familiar positivamente, pois, este contribuiu para uma melhor compreensão da separação e também para resolução dos problemas pessoais relacionados ao divórcio.

Palavras chave: Identidade individual, mediação familiar, separação conjugal.

1. Apresentação

O presente trabalho se caracteriza por ser um Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, do curso de Graduação em Psicologia, da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. No curso de Graduação de Psicologia da UNISUL, no início da oitava fase, os alunos devem optar por um Núcleo Orientado: Psicologia e Trabalho Humano ou Psicologia e Saúde, para que desenvolvam os estágios e atividades curriculares voltadas ao núcleo escolhido.

Diante da minha escolha pelo Núcleo de Psicologia e Saúde as possibilidades de campo para estágio era a Psicologia Hospitalar ou o Serviço de Mediação Familiar – SMF, no Fórum de São José/SC. Optei pelo estágio no SMF e diante de dois cursos de capacitação, desenvolvido pelo Tribunal de Justiça de Santa Catarina – TJSC, a fim de qualificar os estagiários para o desenvolvimento das atividades de Mediação, e da necessidade de o TCC estar vinculado ao campo de estágio, que surgiu o interesse em pesquisar a temática.

O interesse se objetivou a partir do montante de artigos lidos relacionado a temática da Mediação Familiar. Durante a leitura foi encontrado que uma das grandes dificuldades em ser casal se dá a partir do momento em que ele se torna um casal. Pois deve deixar de lado a sua identidade individual e construir uma identidade de casal, e no momento em que um casal deixa de sê-lo, a identidade individual precisa ser reconstruída.

O intuito de mesclar a temática do processo de reconstrução da identidade individual surge no momento em que a literatura de Mediação Familiar acrescenta como um dos benefícios de participar desse tipo de serviço o auxílio no processo de reconstrução da identidade individual. Porém uma pesquisa que relacione as duas temáticas ainda não foi realizada, o que demonstra a relevância em estar pesquisando o referido tema.

2. Introdução

A instituição casamento sofreu grandes mudanças ao longo do tempo. De acordo com Carneiro e Negreiros (2004), o casamento já foi algo considerado como indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução. A responsabilidade masculina era a de trabalhar, garantir a manutenção econômica da família e de manter a sua virilidade. Já a mulher se privava da sua sexualidade, devendo dedicar-se ao lar, aos filhos e à maternidade. Na atualidade as responsabilidades vêm se invertendo. Mulheres estão se tornando oficiais de forças armadas, homens dona-de-casa, casais não tendo filhos por opção e mulheres estão se tornando chefes de família (CARNEIRO E NEGREIROS, 2004).

Esse novo contexto social suscitou mudanças concernentes ao casamento. Ávila (2004) afirma que as uniões, legais ou não, se tornaram mais instáveis. Carneiros e Negreiros (2004, p.39) apontam que atualmente o casamento já vem com o “embrião da dissolução”, o que faz com que o número de divórcios aumente. O novo contexto social contribuiu ao grande número de separações e divórcios, assim como Ávila (2004) traz nas quais os divórcios e as separações são cada vez mais numerosas e os casamentos durando cada vez menos.

Diante dessas mudanças, percebe-se que o número de divórcios vem crescendo nos últimos anos. De acordo com dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE (2004) assim como o número de casamentos que vem aumentando, o número de divórcios também cresceu. Em 1993 o número de divórcios era de 90.986, já em 2003 esse número cresceu para 138.676. O que ressalta a importância de pesquisar como esses casais estão se separando e como que ocorre a reconstrução da identidade individual.

De acordo com Wallerstein e Blakeslee (1991) um casal quando decide se casar passa a assumir uma identidade de casal e ela está ligada ao cônjuge e ao casamento. Ainda de acordo com as autoras as pessoas quando casadas se tornam um novo “nós” que é diferente do “você e eu” do início do casamento. Singly (1998 apud CARNEIRO, 2003) contribui dizendo que o casamento implica na construção de uma nova identidade para os conjuges, de um “eu-conjugal”. Identidade essa que se construirá a partir da interação entre o casal. Com o divórcio, essa identidade desaparece e é necessário então reconstruir, um novo “eu”. Esses dados revelam a necessidade de se pesquisar como se dá o processo de reconstrução desses casais, dessas pessoas que casam, assumem a identidade de casal e que posteriormente se separam e necessitam reconstruir suas identidades.

O processo de reconstrução da identidade não é uma tarefa fácil. Diante da escolha de um casal em separar-se, muitas vezes entra em conflito crenças e valores aprendidos ao longo

de suas vidas. Maldonado (2009, p. 227) salienta que todo processo de transição nos remete a uma “revisão de valores e metas, que às vezes, entram em choque com antigas crenças e valores” transmitidos pela família, igreja, escola. Com a separação, as pessoas precisam rever projetos de vida, desmontar uma vida que foi construída pautada nos moldes tradicionais.

A separação conjugal é um processo desgastante para quem a vivencia. Essa vivência da separação conjugal exige com que os pais e filhos elaborem novos planos para suas vidas, porém com a separação abre-se a possibilidade de buscar um equilíbrio próprio, de encontrar novas coisas, atividades que façam sentido (MALDONADO, 2009). Casais que participaram da pesquisa realizada por Feres-Carneiro (2003) relataram como um aspecto positivo decorrente da separação a vivência de liberdade.

Embora a separação conjugal seja um processo difícil, ela vai proporcionar vivências diferentes daquelas em que o sujeito faria quando estava casado. Müller, Beiras e Cruz (2007) traz a mediação de conflitos como um método de solução de controvérsias na qual a crise ou o conflito pode ter um potencial transformativo. Pois, embora uma separação seja sofrida, ela também pode ser uma transformação positiva das relações e dos envolvidos.

A separação para Caruso (1989 apud FÉRES-CARNEIRO, 2003, p.367) é uma das experiências mais dolorosas que um ser humano pode passar, “é um processo complexo, vivido em diferentes etapas e em diferentes níveis [...] pois, o outro morre em vida”. Féres-Carneiro (2003) ainda traz que muitos casais procuram a terapia com uma demanda explícita de “se separarem bem”. Pelo fato de a separação ser um processo doloroso e com número crescente de divórcios é que se faz necessário estudar como que se dá a reconstrução da identidade individual após o processo de divórcio.

Com o passar dos tempos as famílias foram se modificando. O que antigamente era tido como inaceitável, a separação, hoje é uma prática comum. Assim como as questões familiares foram se modificando, dessa forma o judiciário também precisou rever algumas de suas práticas relacionadas à Vara de Família. Como forma de preencher as lacunas existentes no sistema judiciário comum é que surgiu a Mediação Familiar. Ávila (2004, p.31) traz que para responder as mudanças que ocorreram nas décadas passadas é que foi necessário criar serviços e procedimentos, que aplacassem os problemas “sociais e afetivos ligados à ruptura conjugal”.

A mediação surgiu como um processo alternativo ao sistema judiciário para solucionar disputas interpessoais (AVILA, 2004). Ainda segundo a autora, a mediação familiar é um processo na qual o casal aceita a intervenção de uma terceira pessoa, qualificada, que facilita o diálogo entre o casal fazendo com que estes façam um acordo que seja duradouro, aceito

entre os dois. Este acordo contribuirá para a reorganização da vida pessoal e familiar dos envolvidos, pois contribui para encerrar o ciclo da separação e facilitar com que o requerente e o requerido encontrem outras possibilidades de viver e de assim, reconstruir as suas identidades.

A separação conjugal gera um transtorno na vida de quem a está vivenciando, como por exemplo a definição da guarda dos filhos, a divisão de bens, entre outros. Na mediação o mediador atua como um facilitador e auxilia na resolução dessas questões, fazendo com que os ex-conjuges retomem suas vidas mais rapidamente (ÁVILA, 2004) pois, o processo de mediação familiar é mais rápido do que um processo litigioso. Pelo fato de ser resolvido entre o casal, na qual eles decidem o que é melhor para eles, a probabilidade de seguirem o acordo é maior, além de todo o transtorno envolvido na separação ser solucionado mais rapidamente.

Pelo fato de a mediação resolver os conflitos relativos à separação mais rapidamente ela vai possibilitar que o ciclo da separação se encerre e os envolvidos possam seguir em frente e buscar outras formas de viver a sua vida, reconstruir a sua identidade. Sendo este o entendimento da pesquisadora, que essa forma de resolução de conflitos pode auxiliar no processo de reconstrução da identidade, dessa forma, o presente trabalho pretende descobrir: **“Qual a percepção de homens e mulheres que passaram pela dissolução formal do vínculo conjugal, sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual?”**

Nos primeiros estudos relativos a separação conjugal e ao conflito conjugal, acreditava-se que a presença de distúrbios emocionais nos filhos estava diretamente ligada ao divórcio. Porém descobriu-se que não, os distúrbios estavam relacionados aos conflitos anteriores ao momento do divórcio (BENETTI, 2006). Pois conforme contribui Müller (2007, p. 3) embora seja sofrida a separação, ela pode “significar uma transformação positiva das relações e também dos envolvidos, ou seja, ser um trampolim para um salto de possibilidades”. Müller (2007) ainda contribui que a mediação de conflitos trabalha com a perspectiva de que o conflito ou a crise possui um potencial transformativo.

Apesar de a mediação familiar já ser uma prática de diversas comarcas no Estado de Santa Catarina, ela é uma prática recente, iniciada no ano de 2001 (MÜLLER, BEIRAS E CRUZ, 2007). Porém para que o projeto aconteça ainda precisa contar com Mediadores voluntários (CURSO DE FORMAÇÃO DE CONCILIADORES E MEDIADORES, 2011). Está tramitando no Congresso um projeto de lei – que altera a Lei nº 10.406, de 2002 – pretendendo alterar o dispositivo do Código Civil – CC – e inserir a mediação familiar como

recomendação na regulação dos efeitos da separação e divórcio (BRASIL, 2007). O projeto atualmente aguarda a sua sujeição a proposta conclusiva das comissões.

O presente projeto pretende possibilitar a repensar as práticas dos mediadores ou ainda identificar se as práticas atuais estão sendo eficazes para compreender o sofrimento dos mediandos. A presente pesquisa se justifica a partir dos dados do IBGE, já demonstrados anteriormente, que revelam que o número de divórcios cresceu nos últimos anos e que a separação é um processo que causa sofrimento e dor (MÜLLER, 2007).

O tema investigado nesta pesquisa refere-se à contribuição do SMF para a reconstrução da identidade individual. Os estudos que já foram realizados sobre a mediação familiar identificam a possibilidade transformativa da resolução de conflitos através da mediação familiar. Porém, ainda não fora avaliado a contribuição do serviço no que tange ao processo de reconstrução individual após o divórcio de homens e mulheres que passaram por ele.

Foram encontrados 11 artigos, uma dissertação de mestrado, dois TCCs e uma apostila com temáticas relacionadas a essa pesquisa, para a busca dos estudos já realizados foram utilizadas as palavras-chaves: “relacionamento conjugal”, “conjugalidade”, “separação conjugal”, “mediação familiar”, “identidade conjugal”, “identidade individual”. A autora Féres-Carneiro escreveu 4 artigos com os seguintes objetivos: “Verificar as relações existentes entre a manifestação das dimensões de individualidade e de conjugalidade, o tipo de escolha amorosa predominante e a possibilidade de realizar mudanças na interação conjugal ao longo da terapia de casal” (1994); no artigo escrito em 1998 a autora pesquisou o “Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade”; no artigo de 2003 o objetivo era “Investigar como homens e mulheres das camadas médias da população vivenciam o processo de dissolução do casamento e buscam reconstruir suas identidades individuais”; no artigo escrito em 2004 juntamente com a autora Negreiros, o objetivo era “Discutir questões referentes aos papéis de gênero nas relações familiares contemporâneas”.

Araújo (2002) tinha como objetivo “Revisar a história do amor, do casamento e da sexualidade buscando resgatar o processo de construção e transformação das relações amorosas da antigüidade a modernidade”; Schabbel (2005) em seu artigo tinha como objetivo “Apresentar o papel da mediação na renegociação das relações dos pais que se separam, valorizando e encorajando a separação”; Benetti (2006) pesquisou “Os conflitos conjugais: impacto no desenvolvimento psicológico da criança e do adolescente”; Müller, Beiras e Cruz (2007) tinham como objetivo “refletir sobre o trabalho do psicólogo na mediação de conflitos

familiares, com base na experiência do Serviço de Mediação Familiar (SMF), Florianópolis/SC”, Cano et al (2008) “Fazer considerações teórico-metodológicas sobre o tema do divórcio e do recasamento, apresentando as metodologias utilizadas em pesquisas nesta área e identificando novas possibilidades de estudos e intervenções”; Neto e Féres-Carneiro (2010) o objetivo era “realizar uma revisão dos estudos sobre os marcadores e preditores da construção e dissolução da conjugalidade em uma perspectiva sistêmica”; e a autora Levy (2010) pesquisou “A continuidade pós-separação: necessidades comuns aos ex-cônjuges e seus filhos”.

A autora Müller (2007) na sua dissertação de mestrado tinha como objetivo caracterizar as competências profissionais do mediador no processo de mediação de conflitos familiares. Santos (2010) no seu TCC tinha como objetivo “Compreender quais as trajetórias que as mulheres utilizam para desenvolver seus projetos vida após a separação conjugal”. Já Correia (2010) seu objetivo era “Analisar em artigos indexados às concepções de ética que sustentam as práticas de Mediação Familiar pelo Psicólogo”. A apostila encontrada refere-se a “Mediação Familiar: formação e base” foi escrito por Ávila (2004).

Conforme a revisão de literatura realizada percebeu-se que o tema ainda não fora pesquisado de forma suficiente, portanto ainda não esgotado. Os textos encontrados enfatizaram as competências profissionais de um mediador, o motivo do rompimento, as consequências do divórcio. Porém estudos que identifiquem a contribuição do serviço de mediação para a reconstrução da identidade individual, como acima demonstrados, não foram encontrados como temas centrais dessas pesquisas, o que justifica a presente pesquisa com a temática já apresentada.

Caracterizar a percepção de homens e mulheres que passaram pelo divórcio sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual é importante no sentido de ampliar os conhecimentos da Psicologia enquanto ciência e profissão. Além de suscitar questionamentos acerca da temática e possibilitar novos temas de interesses de pesquisadores do campo da Psicologia.

3. OBJETIVOS

3.1. Objetivo geral:

Caracterizar a percepção de homens e mulheres que passaram pela dissolução formal do vínculo conjugal sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual.

3.2. Objetivos específicos:

- Identificar a função da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual de homens e mulheres após a dissolução formal do vínculo conjugal.
- Identificar qual era a identidade de casal antes da dissolução formal do vínculo conjugal.
- Identificar o processo de reconstrução identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal de homens e mulheres que passam pelo serviço de mediação familiar.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1. IDENTIDADE INDIVIDUAL

A partir de uma breve observação percebemos que as pessoas são diferentes umas das outras, mesmo no caso dos gêmeos idênticos. O que vai diferir um indivíduo do outro além das características físicas são aspectos mentais, comportamentais e cognitivos. Todas essas diferenças formam a identidade de cada indivíduo. Para identidade há diferentes concepções e diversos conceitos. Destaco os principais como forma de compreendermos melhor o referido fenômeno.

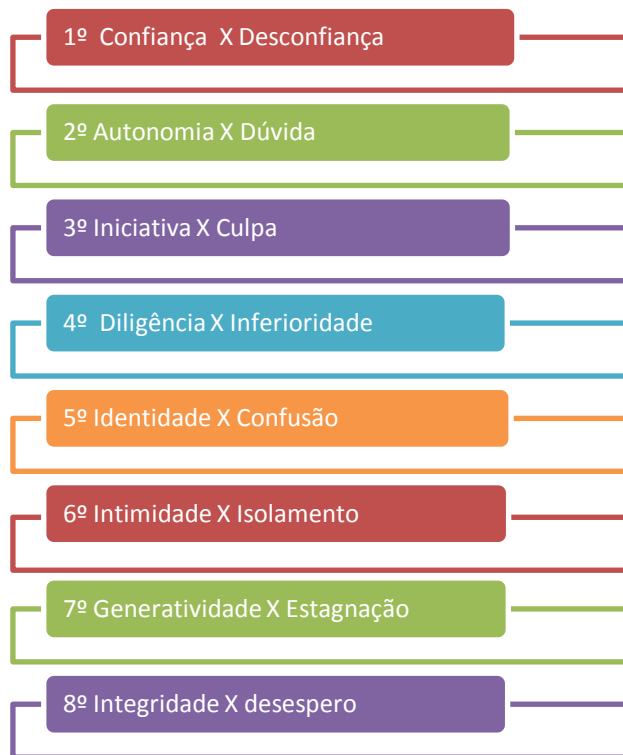
Bock, Furtado e Teixeira (2003) definem a identidade como processo de produção do sujeito na qual vai permitir que este se apresente ao mundo e se reconheça como alguém único. Os autores ainda complementam dizendo que a identidade mostra o sentimento pessoal e a consciência de “eu” do sujeito, é a “realidade individual que torna cada sujeito único” (p.203).

Taylor (2005) traz que muitas vezes a identidade é a concepção de vida de um humano, de uma pessoa ou um *self*. O autor destaca que a identidade e a moralidade estão entrelaçadas, pois a moral estaria relacionada ao senso de justiça e de respeito à vida. Já a identidade relacionada àquilo que vai nos orientar pelo o que achamos ser válido para nós, e, o que nos orientaria estaria ligado ao que consideramos ser moral.

De acordo com Hall (2006, p.10) a “identidade é algo formado ao longo do tempo, através de processos inconscientes” e ela não é algo estagnado, pronto, ela esta sempre em transformação. Então ao invés de falar em identidade formada, pronta, acabada, deve-se falar em identificação (HALL, 2006). A identidade está ligada ao que nós vamos nos identificando ao longo de nossas vidas.

Erikson (1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005) enfatizam que diversos processos psicológicos relacionados à idade surtem efeito no funcionamento social dos indivíduos. Eles destacam que há oito estágios do desenvolvimento da identidade que iniciam no primeiro ano de vida e vai até a velhice. Ver ilustrações dos estágios do desenvolvimento na Figura 1.

Figura 1 – As oito etapas do desenvolvimento da identidade.



Fonte: Erikson, 1968 apud Gazzaniga e Heatherton, 2005. Adaptado pela autora.

O primeiro estágio denominado de “Confiança X Desconfiança” seria quando ainda somos bebês, na qual todas as necessidades de um bebê são satisfeitas pelos pais, além da necessidade dos bebês de até 18 meses desenvolver vínculos com seus cuidadores. O segundo estágio “Autonomia X Dúvida” seria por volta dos dois anos de idade que é quando a criança tenta estabelecer “autoconfiança e habilidades de exploração” (ERIKSON, 1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005, p. 401). O terceiro estágio “Iniciativa X Culpa” quando a criança está com idade entre três e cinco anos, é necessário salientar à criança a “importância do autocontrole e planejamento, que levam a criança à responsabilidade social” (ERIKSON, 1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005, p. 401). O quarto estágio “Diligência X Inferioridade referindo-se à formação da eficácia” de acordo com a entrada das crianças no ensino fundamental (ERIKSON, 1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005, p. 401). O quinto “identidade X confusão”, a identidade se referindo ao senso de cada um das suas “ideologias, filosofias, valores e crenças” (p.401). O sexto estágio quando já se atinge a idade adulta e envolve os relacionamentos íntimos, a crise de “identidade X isolamento”, ou seja, quando há a formação de amizades e relacionamentos íntimos. O sétimo

estágio “generatividade X estagnação”, quando já estamos na metade da vida e procuramos produzir um retorno a sociedade, e trazer um significado a vida. O oitavo e último estágio “integridade X desespero” quando na velhice refletimos sobre nossa vida, se a vida valeu a pena ou com “pesar e tristeza por tudo o que aconteceu” (ERIKSON, 1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005, p. 401).

Apesar de Erikson (1968 apud GAZZANIGA e HEATHERTON, 2005) descrever este modelo com oito estágios sabe-se que não necessariamente todos passam por todas as etapas ou os que passarem será no mesmo período indicado, nem mesmo nessa ordem por ele descrita. O modelo descrito evidencia que a identidade sofre transformações ao longo do tempo, conforme o que a pessoa vivencia, e conforme as suas relações.

Se a identidade é constituída, transformada de acordo com a vivência, quando a pessoa casa a sua identidade também sofre transformações. Pois ela deixará de lado uma vida de solteira, e passa a vivenciar novas experiências de uma vida de casado. Hall (2006) destaca para a chamada “crise de identidade” em que o sujeito constrói várias identidades ao longo da vida e algumas vezes ele precisa desconstruir uma identidade, outras vezes construir uma nova, sendo essas identidades em alguns momentos contraditórias e em outros “não resolvidas” (p.2). Ou seja, essa transformação da identidade, essa reconstrução de “ser” nem sempre é algo bem resolvido.

Assim como Féres-Carneiro (1998, p.3) nos trás que a dificuldade em ser casal, está no momento em que se tornam um casal, na qual se encerra duas individualidades. Em um casal tem-se dois sujeitos “com duas identidades, dois desejos, duas inserções no mundo, duas percepções de mundo, duas histórias de vida”, e que na relação amorosa é necessário que se viva uma conjugalidade, em que devam ter um desejo conjunto, uma história de vida conjugal, uma identidade conjugal. A partir dessa “lógica um e um são três”, na qual cada casal deve criar o seu modelo de ser casal. Ou seja, quando duas pessoas resolvem casar é necessário que eles reconstruam uma nova identidade, o que pode gerar uma dificuldade.

O mesmo ocorre quando o casal decide se separar. É necessário que cada um desconstrua a sua identidade e construa uma nova. Conforme será explanado no capítulo 3.2 Relacionamento Conjugal e Separação.

4.2. RELACIONAMENTO CONJUGAL E SEPARAÇÃO

Em um relacionamento conjugal necessita-se de um envolvimento afetivo por parte dos cônjuges. Para Féres-Carneiro (2003) o casamento representa uma relação de intensa significação na vida dos indivíduos, que envolve um grau de investimento e de envolvimento afetivo.

Para Saad (2011) o conceito de casamento é diverso, vai desde a ideia de instituição, de contrato, ou em outros momentos caracterizado sob as concepções religiosas. Araújo (2002) diz que na Idade Média o casamento não era visto pelas pessoas como uma união pelo amor, mas sim como uma conveniência, que tinha como satisfação a família e não a satisfação dos noivos. Dessa forma, nem o homem nem a mulher tinha a opção de escolher seu futuro esposo ou esposa, a escolha era feita pela família sem levar em consideração o amor dos cônjuges. A relação sexual tinha como objetivo principal a reprodução. “O principal papel do casamento era servir de base a alianças na qual sobrepunha ao amor e a sexualidade” (ARAÚJO, 2002, p. 3). A autora ainda traz que “a valorização do amor iniciou na modernidade”, na qual passou a acontecer o casamento pela vontade dos noivos, passando para uma relação em que existe amor e paixão e o objetivo do casamento passou a ser a felicidade no relacionamento conjugal.

Bozon (2003) afirma que as mudanças que ocorreram no casamento caracterizaram a conjugalidade contemporânea, baseada na escolha pessoal dos cônjuges, na qual o casamento passou de um negócio entre famílias para a união pelo amor (ARAÚJO, 2002; FÉRES-CARNEIRO, 1997, 2003). Conforme a contribuição de Araújo (2002) o casamento por amor, iniciou na modernidade. Féres-Carneiro (1997 e 2003) diz que as mulheres concebem o casamento como relação amorosa, já para os homens o casamento é constituição de família. O que demonstra uma divergência de interesses no casamento em homens e mulheres.

Diante de tantas pessoas que passam pela vida de alguém o que as leva escolher uma e não outra? Silva, Menezes e Lopes (2010) pesquisaram sobre os critérios que levam à escolha do cônjuge, são eles: 1) transgeracionais na qual se tem os pais como modelos a serem seguidos ou evitados; 2) busca no outro por similaridades, consiste na escolha do cônjuge através de semelhanças que devem existir entre eles; 3) a última motivação está relacionada na busca no outro por complementariedade, ou seja, a motivação está ligada às diferenças existentes entre os cônjuges que possam completar um ao outro.

Silva, Menezes e Lopes (2010) destacam que tanto na complementariedade, como na similariedade tais áreas de divergência são idealizadas e vistas pelos cônjuges como uma

evidência de compatibilidade, porém dificilmente uma pessoa encontrará alguém que preenche completamente os seus critérios.

Maldonado (2009, p.33) traz que “em todo vínculo, há um contrato explícito e um implícito, e o que está nas entrelinhas tem muito mais peso do que aquilo que é dito”. Nessas diferenças entre o que está explícito e o que está implícito que vão se acumular os ressentimentos, expectativas não cumpridas, frustrações e decepções. Maldonado (2009, p. 34) então diz que esse casal “já inicia a união desunido”.

No relacionamento conjugal os cônjuges criam expectativas relacionadas ao parceiro e ao casamento. Féres-Carneiro (2003, p. 2) diz que “os cônjuges se divorciam não porque desqualificam o casamento, mas porque o valorizam tanto que não aceitam que a relação conjugal não corresponda às suas expectativas”. O que demonstra exigência do cônjuge e as suas expectativas a respeito do casamento.

As expectativas criadas pelo cônjuge sobre o outro dificilmente é contemplada e ocasionando assim conflitos conjugais. Saad (2011) complementa dizendo que a relação demanda um intenso investimento tanto de tempo quanto afetivo. E, “o aumento das expectativas e a idealização extrema do outro provoca tensões e conflitos na relação conjugal, na qual o parceiro é desejado por inteiro” (p.3). As expectativas que os cônjuges criam em relação um ao outro e ao casamento ocasionam em conflitos conjugais e muitas vezes culminam na separação.

A separação conjugal acarreta em um grande sofrimento. Schabbel (2005) afirma que os casais apresentam um sentimento de perda ao falharem no casamento, sentindo-se profundamente fracassados. Féres-Carneiro (2003) contribui afirmando que a grande maioria dos casais busca pelo divórcio por acreditarem que seu casamento não está oferecendo o que um casamento deveria oferecer.

A separação é um processo doloroso e difícil, em que precisam ser desfeitos vários aspectos. E um dos aspectos que precisa ser desfeito além das questões legais, é desfazer a identidade conjugal, construída ao longo do casamento. E, posteriormente a desconstrução da identidade conjugal é preciso então reconstruir a sua identidade individual (FÉRES-CARNEIRO, 2003).

Féres-Carneiro (2003) investigou como homens e mulheres vivenciavam o processo de reconstrução individual após a separação conjugal. A autora encontrou que tanto homens quanto mulheres ressaltam como é lento e doloroso o processo de reconstrução da identidade individual, porém os homens deram uma maior ênfase a dificuldade de “estar só” (p.6), e as mulheres destacaram o sentimento de “alívio” e de “maior auto-valorização” após a separação

conjugal. Embora haja algumas diferenças na forma de manifestar, de atitudes e em relação aos sentimentos de cada um, na separação tanto o homem quanto a mulher vivenciam a mesma dor e a dificuldade de desconstruir a conjugalidade e reconstruir a identidade individual. Pois, após a separação há um “mix de sentimentos” (p.6). No mesmo momento em que se experiencia a vivência de uma maior liberdade, se mistura o sentimento de solidão, tanto em homens quanto em mulheres.

Maldonado (2009, p.111) disserta que quando se desfaz um relacionamento, o vínculo com o ex cônjuge não se desfaz, ele apenas se transforma, principalmente em um relacionamento em que se tem filhos, pois pode-se ser um ex-marido mas não ex-pai, pode-se ser ex-esposa mas não ex-mãe. Sendo necessário “saber perder o outro para ganhar-se”, encontrar alguns aspectos que foram perdidos no outro, principalmente quando um dos cônjuges não construiu a própria identidade e viveu às sombras do outro.

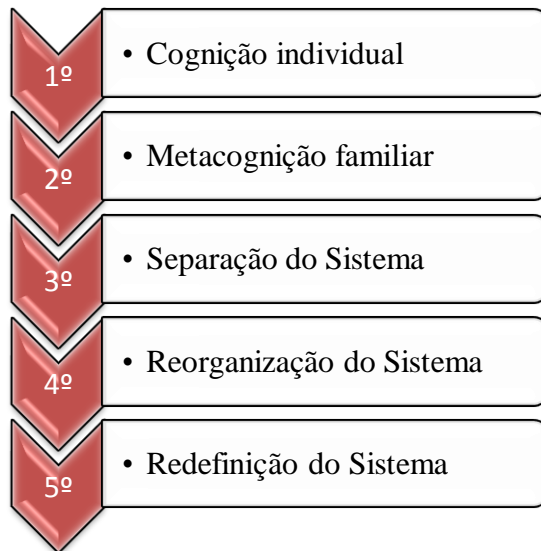
Singly (1993 apud FÉRES-CARNEIRO, 2008) ressalta que em um casamento quando se valoriza os “espaços individuais, significa, muitas vezes em fragilizar os espaços conjugais”, assim como fortalecer a conjugalidade significa enfraquecer a individualidade. O que o autor nos traz é o quanto em um casamento se enfraquece a identidade individual, revelando também o porquê ser tão difícil e doloroso o processo da sua reconstrução.

O processo de separação pode acarretar a vivência de muito sofrimento. Caruso (1989 apud FERES-CARNEIRO, 2003, p.4) afirma que a separação é muito dolorosa, pois se vivencia a “morte em vida”. Ávila (2004) ainda contribui dizendo que as pessoas se sentem culpadas por não encontrarem outro modo de funcionamento, indicando o quão intenso é o sofrimento de quem vivencia a separação.

As separações conjugais passaram de um ato mal visto para um ato comum, deixando de ser um problema para ser uma solução. Mesmo sendo uma solução, o divórcio requer mudanças na estrutura familiar, e as pessoas normalmente se desestabilizam por um período de tempo. Apesar do grande impacto emocional e físico do divórcio poucos cônjuges estão preparados para vivenciá-lo. Cano et al (2008) também ressalta que apesar da grande ocorrência do divórcio, os membros da família não estão preparados para vivenciar o impacto emocional, social e econômico que ele acarreta. Dessa forma a “família, o indivíduo, apresenta um ciclo vital de desenvolvimento seguindo uma sequencia de eventos, na qual alguns eventos são esperados e outros imprevisíveis” (p. 215). Ou seja, tanto a família quanto os seus membros passam por etapas, fases necessárias para superar a desconstrução dessa modalidade de família, mas não significa que todos passam pelas mesmas fases, pelas mesmas etapas.

O divórcio está longe de ser um processo simples. Para Féres-Carneiro (2010) o divórcio é a maior forma de rompimento no processo de vida familiar com impactos em todos os envolvidos. Ahrons (1980 apud FÉRES-CARNEIRO, 2010, p.4) descreveu um modelo envolvendo cinco fases do processo do divórcio.

Figura 2- 5 Fases do processo de divórcio descrito por Ahrons



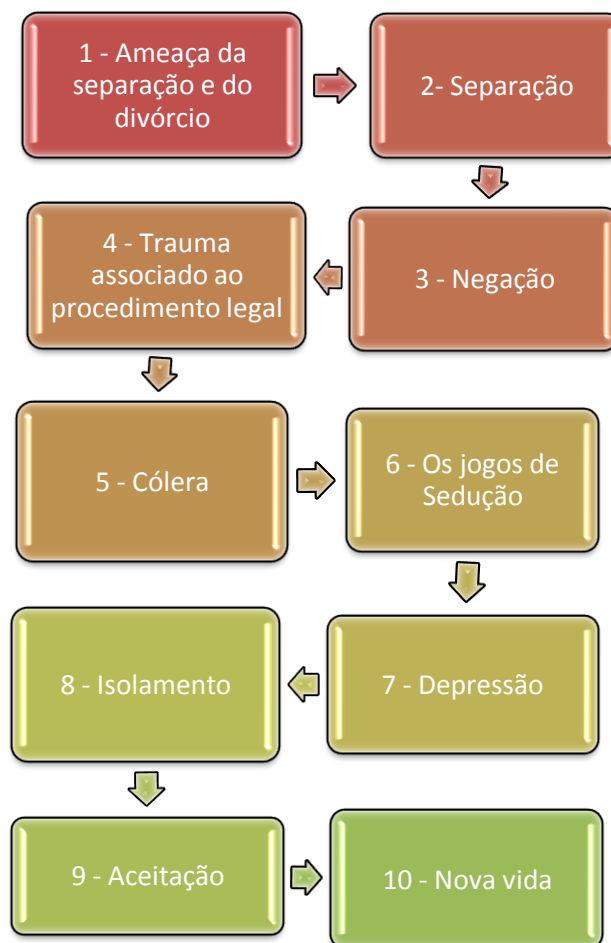
Fonte: Ahrons, 1980 apud Féres-Carneiro, 2010. Adaptado pela autora.

A primeira fase denominada de “cognição individual” é quando pelo menos um dos cônjuges está pensando no divórcio e está iniciando o processo de separação emocional, este período é marcado pelos “conflitos, amarguras, acusações contra o parceiro e ambivalência quanto à decisão” (AHRONS, 1980 apud FÉRES-CARNEIRO, 2010, p.4). Neste período também pode ocorrer o envolvimento sexual com outros parceiros o que pode retardar ou acelerar o processo. A segunda fase é a “metacognição familiar” na qual a decisão tomada é contada a outras pessoas, o que para algumas pessoas pode acrescentar mais sofrimento aos cônjuges. No terceiro estágio “separação do sistema” ocorre a separação concreta, nesse momento apesar da raiva e do apego há também a ambivalência da decisão na qual podem ocorrer reconciliações e novas separações. O quarto estágio “reorganização do sistema” envolve o processo de deixar às claras as novas fronteiras, na qual é necessário reorganizar a família, os papéis, as novas atribuições de cada membro da família. Carter & McGoldrick (1995) ainda ressaltam que o estabelecimento de novas fronteiras está relacionado ao espaço que cada um terá na família, quem está no comando em relação à disciplina, dinheiro, decisões, além de definir a quem dedicar o seu tempo e quanto tempo. Ahrons (1980 apud

FÉRES-CARNEIRO, 2010, p. 5) ainda ressalta que em casais que tem filhos “25% dos casais se tornaram adversários furiosos, 25% sentiam-se sócios zangados, 38% eram colegas cooperativos e apenas 12% tornaram-se amigos”. O quinto e último estágio é a “redefinição do sistema” os papéis e as fronteiras foram clarificados de maneira que todos os membros foram incluídos, e os pais vivem bem a paternidade (AHRONS, 1980 apud FÉRES-CARNEIRO, 2010, p.4).

Ávila (2004) traz que a decisão pela separação é uma decisão difícil de ser tomada, e o período em que a pessoa está insatisfeita com o seu casamento e a decisão pela separação pode ser longo. Ibrahim (1984 apud ÁVILA, 2004, p.12-17) identificou dez etapas pelas quais passam os casais que estão em processo de separação, porém as etapas descritas não significam que todos que se separam passam por todas as etapas, se passam não necessariamente na mesma ordem conforme é descrito por Ibrahim(1984 apud ÁVILA, 2004).

Figura 3 – 10 Etapas do processo de separação



Fonte: Ibrahim,1984 apud Ávila, 2004. Adaptado pela autora.

A 1ª etapa seria a “ameaça da separação”, seria como um aviso de que algo não vai muito bem na relação. A 2ª etapa é a “separação”, que pode ser discreta ou concreta, a discreta quando um dos cônjuges se envolve com outra pessoa, mantendo uma relação paralela; concreta quando é visível, um dos cônjuges deixa a casa. Ou há ainda a separação decidida em comum pelos cônjuges. A 3ª etapa é a “Negação”, quando um dos cônjuges recusa a admitir a realidade, diz que a separação é apenas temporária. Já a 4ª é denominada de “Trauma associado ao procedimento legal”, é quando é encarada a realidade, se acontece de um dos cônjuges não acreditar que a separação não seria levada a sério, os procedimentos legais o remetem para a realidade da separação. A 5ª etapa é da “Cólera”, quando a forma de reagir aos procedimentos legais normalmente são a culpa por não ter conseguido “segurar” o casamento ou quando transferem ao outro cônjuge toda a raiva e agressividade. A 6ª etapa é marcada pelos “Jogos de sedução”, que normalmente se constitui como a “última tentativa e a última chance”. Na 7ª etapa é a “Depressão [...] nas quais vários autores supõem que quando a realidade do divórcio torna-se irreversível, o sentimento de perda substitui a cólera e a raiva e se transforma em uma depressão”. Já a 8ª é a fase do Isolamento quando as pessoas tendem a isolar-se da família ou do mundo. Na penúltima e 9ª é a “Aceitação” de ambas as partes. A 10ª e última etapa é a “Nova vida” quando pode aparecer um novo amor, a raiva e os ressentimentos começam gradativamente a desaparecer. Porém a autora ressalta que nem todos os casais passam por todas as etapas, alguns podem pular algumas delas, e outros podem não completar todo o ciclo.

O sofrimento oriundo de todo o processo de separação é tão intenso que o processo judicial originado do rompimento da união é apenas o aspecto superficial e derradeiro dessa situação. Haja vista que o desamor inicia normalmente antes de uma das partes procurar a dissolução oficial do vínculo, para cuja decisão já ocorreu sofrimento e dor (MÜLLER, 2007).

O processo da separação envolve muitos conflitos e discussões e o divórcio vai afetar todos os membros da família (BENETTI, 2006; FERES-CARNEIRO, 1994). Ele é doloroso para todos que o vivenciam tanto para os pais quanto para os filhos. Benetti (2006) destaca os estudos que indicam que a convivência de crianças e adolescentes com conflitos familiares estimulam a origem de distúrbios emocionais das mesmas. Foi identificada, que em uma família que convive com constantes conflitos conjugais, os pais alteram as práticas educativas com as crianças e/ou adolescentes, e que por consequência tem-se uma interferência no desenvolvimento infantil. Esses efeitos do conflito conjugal eram ainda mais determinantes quando a criança ou o adolescente eram “expostos aos episódios de discórdia da família”

(BENETTI, 2006, p. 261). Schabbel (2004) contribui dizendo que os conflitos vividos pelos pais antes e durante o processo de separação causam problemas de ajustamento nos filhos.

Benetti (2006) aponta que apesar desses conflitos estimularem os distúrbios psíquicos em crianças e adolescentes, o conflito ainda pode ser positivo. Benetti (2006) traz que os conflitos familiares e conjugais sempre vão existir, e pode ser positivo para o desenvolvimento infantil, no momento em que os adultos mostram às crianças que os adultos discordam entre si e que encontram outras formas de resolver as suas dificuldades. Na mediação há a possibilidade de que as questões relacionadas ao divórcio sejam solucionadas, elas sendo solucionadas mostram as crianças que os adultos encontraram outra forma de solucionar o conflito, que não seja com brigas e ofensas. Podendo esta, ser uma forma positiva de estar solucionando um conflito.

Embora a separação seja um processo doloroso, ele pode ser a melhor opção para o bem-estar e felicidade das partes. Féres-Carneiro (1998 apud FÉRES-CARNEIRO, 2003, p.4) contribui, afirmando que, mesmo que a separação possa ser a melhor solução para um casal que não consegue superar suas dificuldades, ela é sempre vivenciada de forma extremamente dolorosa, na qual tem um “luto a ser elaborado”.

Em vários os casos quando o casamento não dá certo o divórcio é uma alternativa para o recomeço. Diante da escolha do casal em separar-se, muitas vezes entra em conflito crenças e valores aprendidos. Maldonado (2009) complementa dizendo que todo processo de transição nos remete a uma revisão de valores e crenças, e que com a separação precisam ser revistos, inclusive os projetos de vida. Mesmo a separação sendo um processo desgastante para quem vivencia, Ávila (2004) diz que os envolvidos precisam construir novos projetos de vida e Maldonado (2009) completa dizendo que através da separação se abre novas possibilidades de vida.

Quando um casal decide separar-se, há várias questões que precisam ser resolvidas, a legalização do divórcio, quando o casal casou em um Cartório Civil ou a Dissolução da União Estável em caso de casais que viviam juntos. Há também que definir a divisão dos bens adquiridos pelo casal, quando houver bens. Nos casos em que o casal tem filhos precisa ser definido a guarda dos filhos, a regulamentação de visitas, as responsabilidades financeiras entre outras questões. Todos esses temas são entendidos pelo Direito como integrantes do Direito de Família (CEZAR-FERREIRA, 2004).

No Brasil, o Direito de Família é um ramo do Direito Civil, e a vida do brasileiro é regida pelo CC, sendo o primeiro de 1916 (CEZAR-FERREIRA, 2004). Porém o CC que rege a vida dos brasileiros sofreu e ainda sofre mudanças; e a forma de oficialização da separação

conjugal também sofreu mudanças ao longo do tempo. A matéria separação também era regida pelo CC de 1916. Até 1977 não havia divórcio no Brasil, a Lei 6.515 foi aprovada somente em 1977 que ficou conhecida como a Lei do Divórcio. Porém o divórcio só era autorizado uma vez, e depois que o casal estivesse separado há cinco anos (CEZAR-FERREIRA, 2004).

A partir da publicação da Constituição Federal de 1988, as regras do divórcio foram modificadas. Se o casal estivesse vivendo em separação de corpos há dois anos, ou fosse separado judicialmente há um, poderia divorciar-se (CEZAR-FERREIRA, 2004). No ano de 1996 a lei 9.278 reconheceu a união estável como uma forma de entidade familiar e no novo CC do ano de 2001 essa lei foi incluída no “Título III do Livro de Direito de Família” (CEZAR-FERREIRA, 2004, p. 86). Recentemente, no ano de 2010, a Lei do Divórcio novamente sofreu alterações, na Emenda Constitucional nº 66/2010, na emenda ficou estabelecido a eliminação dos prazos e investigação de culpa pela dissolução da conjugalidade (GAGLIANO, 2010). Podendo o divórcio ser realizado no Cartório Civil, quando não houver divisão de bens ou outras questões a serem resolvidas. Nos casos em que é necessário entrar com o pedido judicial, o divórcio sai no momento em que o processo é julgado, diferente de como acontecia, em que primeiro saía a separação e dois anos depois o casal necessitava entrar com o pedido de divórcio (GAGLIANO, 2010).

4.3. MEDIAÇÃO FAMILIAR

A palavra Mediação significa “ato ou o efeito de mediar; intervenção; [...]” já a palavra mediar significa “[...] intervir acerca de; ficar no meio; intervir, interceder” (PRIBERAM, 2010). De acordo com o dicionário Aurélio (2002, p.1299) o termo mediação deriva do latim *mediatione* que é o “ato ou efeito de mediar; Intervenção, intercessão, intermédio; relação que se estabelece entre duas coisas, ou pessoas, ou conceitos, etc., por meio de uma terceira coisa, ou pessoa, ou conceito, etc.(...) intervenção com que se busca produzir um acordo”.

A Mediação Familiar surgiu como uma alternativa à justiça comum para a dissolução do vínculo conjugal e para a resolução dos conflitos resultantes desse rompimento (MÜLLER, BEIRAS E CRUZ, 2007). Segundo Ávila (2004) é uma prática muito utilizada como uma alternativa ao método de confronto da justiça comum, ou como é o SMF, uma alternativa ao sistema judiciário para solucionar disputas e/ou conflitos familiares.

Ávila (2004) traz que a mediação é universalmente conhecida além de ser uma prática que ocorre desde as sociedades mais primitivas. Müller (2007) contribui dizendo que embora a

mediação esteja sendo considerada pela contemporaneidade como uma prática inovadora, ela já era uma prática comum na antiguidade chinesa. A autora ainda traz que não se sabe a origem da prática e especula-se que ela tenha sido retomada oficialmente na China por volta do ano de 1949.

A mediação pode ser utilizada em vários contextos, tanto no contexto pessoal como no comunitário. Cezar-Ferreira (2004, p.136) traz que a prática da mediação vem sendo difundida mundialmente e tem-se obtido “bons resultados” principalmente em culturas na qual a comunidade tem por hábito tentar resolver os próprios problemas antes de levar às esferas competentes. Sendo esse o caso em alguns Estados Americanos e em alguns países da Europa.

A prática da mediação embora seja confundida com a conciliação e até mesmo com tribunais arbitrários, é uma prática que difere de todas estas. Na conciliação o conciliador sugere ou induz ao acordo e por isso o tempo necessário para chegar ao acordo é menor (MÜLLER, BEIRAS e CRUZ, 2007). Os tribunais arbitrários são uma alternativa ao poder judiciário que funciona quando as partes elegem um terceiro para dirimir ou solucionar o litígio, assim julgando o caso de forma célere sem espera demorada do judiciário (CURSO DE FORMAÇÃO DE CONCILIADORES E MEDIADORES, 2011).

O SMF de Santa Catarina de acordo com Müller, Beiras e Cruz (2007, p.201) é um projeto que teve seu início em setembro de 2001, foi implantado pela assistente social Eliedite Matos Ávila, funcionária do Tribunal de Justiça de Santa Catarina. Ávila fez seu mestrado na Universidade de Montreal (Canadá) e trouxe a experiência de mediação do Canadá e adaptou para a realidade brasileira. O Poder Judiciário de Santa Catarina instituiu pela Resolução nº 11/2001-TJ/SC, o SMF “tendo como escopo oferecer aos envolvidos em disputas familiares um método para a sua solução mais rápido, acessível e menos oneroso: a mediação de conflitos”.

O projeto implantando em Florianópolis, segundo (ÁVILA, 2004) foi baseado na experiência do Canadá, que é considerado o pioneiro nos estudos mediatórios. O SMF de Florianópolis também é considerado o pioneiro no Brasil. Primeiramente o projeto foi iniciado como uma experiência piloto, de um ano, nas Varas de Família do Fórum da Capital do Estado (Santa Catarina). Atualmente o projeto vem se estendendo a várias comarcas do Estado.

A mediação é basicamente um processo de gestão de conflitos em que um casal solicita a intervenção confidencial de um terceiro, que é “objetivo e qualificado”. O mediador, segundo Ávila (2004, p.31) deve, em um primeiro momento, “estabelecer a credibilidade” de uma

terceira pessoa que é imparcial, além de explicar aos mediados as etapas e o processo de mediação. O mediador deve também mostrar aos conjugues a importância de estabelecerem uma relação entre eles satisfatória, visando dessa forma o interesse e benefício dos filhos. Além de estimular e favorecer uma atitude de cooperação, inibir os comportamentos de confrontação que é utilizado pelo sistema tradicional de justiça. Também é função do mediador equilibrar o poder entre os cônjuges, e favorecer a troca de informações entre as pessoas.

Cézar-Ferreira (2004) diz que a mediação é uma prática não terapêutica de dissolução de conflitos. É um processo pelo qual as pessoas resolvem seus próprios conflitos, com intervenção qualificada de uma terceira pessoa, que deverá permanecer neutra entre as diferenças de opiniões, de modo que possa se compreender quais as expectativas e pretensões de cada um facilitando mudanças que possibilitem a dissolução do conflito.

Müller (2007), em sua dissertação, investigou as competências profissionais que o mediador familiar deve demonstrar para auxiliar as partes envolvidas para se separarem legalmente. A autora encontrou 12 aspectos que são considerados importantes em relação as competências de um mediador familiar: Enquadrar o Processo de Mediação, ou seja, a capacidade de o mediador informar aos envolvidos acerca do funcionamento da mediação de conflitos, de forma clara e objetiva; Explicar o que é a mediação e qual a sua diferença da justiça comum e de outras formas de resolução de disputas, além de informar que a mediação tem o caráter voluntário e sigiloso, sendo importante ainda explicar quais as regras da mediação, explicitar o que é esperado das partes; Demonstrar Atitude Colaborativa, ou seja, é a capacidade de o mediador demonstrar atitude colaborativa, ser firme e seguro, acolhendo o que é narrado, e, inibindo possíveis confrontações típicas dos tribunais; Aperfeiçoar Conhecimentos sobre Vínculos Familiares, o mediador deve “demonstrar familiaridade e conhecimento sobre a área que está mediando” (p.86); Estabelecer *Rapport* é encontrar mecanismos em que facilite o entendimento, confiança recíproco e vínculo positivo entre as partes e o mediador; Demonstrar Empatia, demonstrar que está verdadeiramente interessado nos “afetos, percepções e diferentes pontos de vistas das pessoas”; Escutar ativamente, que significa demonstrar que ouve e interfere nos momentos apropriados, além ter certeza que o que está sendo dito está sendo entendido; Equidistar-se das partes, colocar-se a mesma distância entre as partes; Promover o Reconhecimento Recíproco, favorecer o entendimento recíproco entre a percepção de cada um dos mediados; Demonstrar Conhecer Aspectos Jurídicos em Mediação Familiar, conhecer basicamente o Direito de Família aplicado à mediação familiar.

Ávila (2004) traz que há diversas técnicas e/ou procedimentos que são utilizados em Mediações, caberá ao mediador selecionar qual é apropriada para cada momento que irá facilitar para que os indivíduos tomem as suas próprias decisões. O mediador deve dirigir ativamente a entrevista, sugerindo uma direção segura a ser seguida, ou seja, “Guiar as Trocas Interacionais”. Uma mediação deve ser baseada na empatia e no respeito pelo outro, isto é “Estabelecer uma Relação”. A autora traz que um grande desafio para o mediador é Gerenciar a agressividade, pois normalmente os participantes são agressivos, guiados pela frustração relacionada à ruptura. As estratégias que o mediador pode utilizar seriam identificar os não-ditos, estabelecer regras de respeito mútuo, ser imparcial e escutar ativamente, além de utilizar uma linguagem neutra.

Para Ávila (2004) as principais técnicas utilizadas são a comunicação e a negociação sendo papel do mediador facilitar as negociações e a comunicação. A comunicação é considerada o coração da mediação e a negociação é a cabeça. A não comunicação entre os cônjuges, ou uma comunicação disfuncional é uma das dificuldades conjugais e que podem levar ao divórcio. Caso não haja comunicação entre os participantes impossibilita a mediação. Já na negociação a autora traz que nela reside a divisão das responsabilidades parentais, na partilha de bens e nas tomadas de decisões.

É importante diferenciar a mediação das práticas adotadas pelo judiciário. No judiciário ocorre uma luta pela razão, na qual impera a competição, colocando em segundo plano a dimensão social, afetiva e moral que originou o conflito (MÜLLER, BEIRAS e CRUZ, 2007). Além de ser um terceiro que irá julgar aquele que tem mais razão. A mediação é uma forma de resolução de conflitos não adversarial, ou seja, em que não há adversários, e que quem encontra a melhor forma de solucionar aquele conflito são os próprios envolvidos no conflito. A mediação também possibilita perceber outros aspectos além do conflito, como os sentimentos e questões inconscientes, que não são verbalizados, são demonstrados através dos atos falhos.

De acordo com Fonkert (1998) é importante diferenciar a mediação familiar de terapia familiar. Em uma mediação busca-se a resolução dos conflitos e/ou mudança nas relações, são negociados temas específicos, tem-se a possibilidade de acordo, é um processo limitado e breve, busca-se trabalhar o presente e o futuro – o que se pode fazer diante do exposto para a frente. Na terapia familiar busca-se uma mudança pessoal e relacional, os temas que são trabalhados são menos focalizados, nela trabalha-se o passado, o presente e o futuro, além de trabalhar questões mais subjetivas que na mediação. A mediação familiar é interessante para resolver questões específicas e objetivas.

Em uma mediação apesar de não trabalhar conteúdos subjetivos é possível que os envolvidos ressignifiquem algumas questões. Cezar-Ferreira (2004) traz que no campo do comportamento humano, compreende-se que o interpessoal esteja sempre em ação e embora mesmo que as práticas utilizadas na mediação não sejam terapêuticas elas podem levar a algum efeito terapêutico, pois pode levar a resignificação de alguns conteúdos internos.

Porém, há alguns casos em que não é recomendada a mediação familiar. Ávila (2004) traz que é quando há um desinteresse do casal em estar resolvendo o conflito, quando há um desequilíbrio de poder entre os envolvidos, em casos de ocorrência de violência conjugal, caso uma das partes tenha problemas de saúde mental como alcoolismo, depressão, problemas que dificultam a pessoa a tomar decisões, e por último quando não são respeitadas as regras básicas da mediação, de respeitar o outro e ouvir quando o outro fala. Além destes Cezar-Ferreira (2004) acrescenta ainda os casos em que uma das partes sempre sente que não estão sendo atendidas as suas reivindicações e seus desejos, ainda, casos de pessoas que depois de chegar a um acordo não o confirmam e querem mudar tudo, e principalmente quando um dos envolvidos não deseja participar do processo.

A mediação é dividida em etapas, Ávila (2004) e Müller, Beiras e Cruz (2007) descrevem seis etapas. A primeira de Introdução ao processo de mediação, que é basicamente o primeiro encontro, quando o mediador apresenta o serviço, os objetivos, as exigências da mediação, além de explicar qual é o seu papel. Nascimento, Sandrini e Maciel (2011) ainda acrescentam nessa primeira etapa, o momento da pré- mediação. A pré mediação é o momento em que são realizadas entrevistas individuais com o requerido e com a requerente. O objetivo desse encontro ser realizado dessa forma é de esclarecer o que é a mediação e suas especificidades, além de saber a percepção de cada um acerca do conflito, os motivos que os levaram a procurar o serviço, e quais as concordâncias e contradições (NASCIMENTO, SANDRINI e MACIEL, 2011). A segunda etapa é a Verificação da Decisão de Separação, que é o momento na qual o mediador promove uma discussão sobre a decisão pela separação. Na terceira etapa é a Negociação das Responsabilidades Parentais, em casais que possuem filhos é o momento em que são estabelecidos acordos relacionados às crianças, visitas, férias, guarda, o que for necessário decidir em relação aos filhos. Na quarta etapa é a Negociação da Divisão de Bens, quando o casal tem bens que necessitam ser divididos, o objetivo é que seja feita uma partilha justa entre os cônjuges, de acordo com a necessidade de cada um. Já na quinta etapa é Negociação das Responsabilidades Financeiras, esta etapa está relacionada à organização da vida após a separação. Na sexta e última etapa é a Redação do Projeto de Acordo, é a etapa na qual é relacionado tudo o que foi acordado, é redigido o acordo para a

visualização dos pontos acordados. Estar descrito seis etapas não significa que a mediação terá obrigatoriamente seis sessões, pode acontecer de duas etapas serem resolvidas em uma sessão ou ser necessário mais de uma sessão para a resolução de uma etapa, tudo dependerá de cada caso.

A mediação então é uma forma de resolução de conflitos alternativo ao sistema judiciário comum, na qual nele além das questões práticas são resolvidas questões subjetivas que envolvem a separação. Sendo esta forma de resolução de conflitos considerada inovadora, e considerada por alguns a melhor forma de resolução dos conflitos familiares.

5. MÉTODO

5.1 CARACTERIZAÇÃO DA PESQUISA

A pesquisa tem caráter qualitativo, pois envolve aspectos de análise de conteúdos e não quantificar ou mensurar numericamente o fenômeno. Segundo Creswell (2010) a pesquisa qualitativa é uma pesquisa interpretativa, os dados que emergem de um estudo qualitativo, são descritivos, e os dados são relatados em palavras. Já Sampieri, Collado e Lucio (2006) contribuem dizendo que a pesquisa qualitativa é utilizada quando se pretende comprovar alguma hipótese, porém pode-se ou não se comprovar a hipótese e a coleta de dados é sem utilizar medições numéricas. O propósito da pesquisa é de reconstruir a “realidade”.

Pode-se dizer que essa pesquisa configura-se como não-participante porque, embora faça uso de entrevistas e observações do fenômeno em questão, não almeja a interação entre pesquisadores e membros das situações investigadas e não tem fins de intervenção na realidade social.

Quanto à natureza da pesquisa ela é exploratória e descritiva. Exploratória, pois busca constatar algo de um determinado fenômeno. Segundo Gil (2002, p.41) esse tipo de pesquisa tem por finalidade proporcionar maiores informações sobre um determinado fenômeno, de forma a “torná-lo mais explícito”. Através da pesquisa exploratória avalia-se a possibilidade de desenvolver um estudo inédito, com o objetivo de proporcionar um maior conhecimento acerca do problema.

A pesquisa caracteriza-se como descritiva, pois como aponta Gil (2002) a pesquisa de natureza descritiva tem por finalidade a descrição e análise das características de um determinado fenômeno e/ou população. Sampieri, Collado e Lucio (2006) apontam que esse tipo de pesquisa tem o objetivo de “descrever situações, acontecimentos e feitos, isto é, dizer como é e como se manifesta determinado fenômeno. Gil (2002) ainda aponta que esse tipo de pesquisa valoriza-se a partir da premissa de que os problemas podem ser resolvidos e as práticas podem ser melhoradas através da descrição e análise de observações objetivas e diretas.

5.2. SUJEITOS DE PESQUISA

Foram sujeitos da pesquisa quatro pessoas que passaram pelo Serviço de Mediação familiar do Fórum de São José para a dissolução formal do vínculo conjugal.

Quadro 4 – Sujeitos de Pesquisa

Sujeito	Idade	Sexo	Separado há quanto tempo
S1	54	Feminino	1 ano
S2	31	Feminino	11 meses
S3	37	Masculino	10 meses
S4	40	Feminino	8 meses

Fonte: Elaborado pela autora, 2012.

Vale destacar que S1 no mesmo dia em que foi assinar o acordo da mediação foi diagnosticada com uma doença degenerativa em que a sua perspectiva de vida é de no máximo 5 anos. Esse entrevistado se encontrava em grande sofrimento e em suas respostas ela deixa claro que a sua doença é devida a separação.

5.3. INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

O instrumento de pesquisa foi uma entrevista semi-estruturada, individual, direta e presencial. Para Gil (2002), Marconi e Lakatos (2004) a entrevista é uma técnica de coleta de material que envolve duas pessoas. Caracteriza-se como uma conversa oral entre duas pessoas, das quais uma delas é o entrevistador e a outra o entrevistado. O objetivo da entrevista é a obtenção de informações importantes e de compreender as perspectivas e experiências das pessoas entrevistadas. O pesquisador pretende conhecer o significado que o entrevistado dá aos fenômenos e eventos de sua vida cotidiana, utilizando seus próprios termos.

Gil (2002, p.115) elenca que as “técnicas de interrogação permitem a obtenção de dados e informações a partir do ponto de vista dos pesquisados”. Foi escolhida a entrevista, pois ela permite contato direto com o sujeito entrevistado, permitindo esclarecer prontamente possíveis dúvidas e observar como o sujeito entrevistado se comporta durante a entrevista frente a determinados temas que serão questionados.

Vale destacar que a entrevista semi-estruturada permite maior flexibilidade para abranger novos temas que forem surgindo no decorrer do uso desta técnica. Marconi e Lakatos (2004) destaca que o uso de um roteiro para guiar o entrevistador pelos principais tópicos é necessário e relevante. O tempo estimado para a coleta de dados foi de aproximadamente 30 minutos por entrevista

De modo a facilitar a elaboração ou a explicitação do instrumento de coleta de dados (ver apêndice A) a pesquisadora criou um quadro (Quadro 4) relacionando cada pergunta com os objetivos da pesquisa. Dessa forma foi analisada cada pergunta verificando se ela faria com que se respondesse ao objetivo e também facilitando a verificação de se existia alguma pergunta que fosse desnecessária para responder aos objetivos.

Quadro 5 – Objetivos/Instrumento de Coleta de Dados

Objetivos	Perguntas relacionadas ao objetivo
Identificar a função do Serviço de Mediação Familiar no processo de reconstrução da identidade individual de homens e mulheres após o divórcio.	<p>-Como você avalia o SMF?</p> <p>-A mediação auxiliou a refletir sobre si e sobre o divórcio?</p> <p>-No momento em que você estava participando do SMF como você se percebia? Como era pra você conversar sobre o divórcio, resolver questões práticas e legais.</p> <p>-Após participar do SMF como você estava se sentindo, se percebendo?</p> <p>- Você acha que o SMF contribuiu para resolver problemas pessoais relacionados ao divórcio?</p> <p>-Você acha que o SMF auxiliou a compreender melhor a separação e a aceitar o divórcio?</p> <p>- Em que situações cotidianas que você acha que a mediação auxiliou ou não no modo como você tem dado continuidade na sua vida depois do divórcio?</p>
Identificar qual era a identidade de casal antes	<p>-Como os outros percebiam vocês, como um casal? (Casal divertido, casal triste, casal que brigava</p>

<p>do divórcio.</p>	<p>muito...)</p> <ul style="list-style-type: none"> -Como os outros percebiam você? -Quais foram os aspectos positivos do relacionamento vivido? -Quais os aspectos negativos? -Como você se percebia? - Que tipo de coisas vocês gostavam de fazer? -Quando estava casada como você imaginava o seu futuro? -Que tipo de coisas você não gostava de fazer enquanto casado (a)? - Deixou de fazer algo que gostava após o casamento: Por exemplo: visitar amigos, familiares, frequentar algum lugar/local...
<p>Identificar o processo de reconstrução da identidade individual após o divórcio de casais que passam pelo serviço de mediação familiar.</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Como foi lidar com o processo do divórcio? -Como você se percebia no momento em que você se divorciou? -Logo após o divórcio quais eram os sentimentos em relação à separação? - Após o divórcio qual era a sua perspectiva de futuro? Mudou alguma coisa? Qual? -Hoje qual é a sua perspectiva de futuro? Como você se imagina daqui alguns anos? -Você percebe algum benefício com a separação, que coisas você acha que foi bom, ou que melhorou na sua vida após o divórcio? -Que prejuízos ou coisas ruins que você considerou logo após a separação, o que você considera que piorou na sua vida, se é o que considera que piorou? -Que aspectos práticos na sua vida que você sentiu dificuldade logo após a separação? De que forma você conseguiu superar essas dificuldades?

5.4. SITUAÇÃO E AMBIENTE

Os locais em que foram realizadas as entrevistas variaram conforme os participantes: duas foram realizadas na casa (S1 e S4) dos próprios sujeitos e duas (S2 e S3) em um local público. Em todas as entrevistas foram tomados os devidos cuidados para que fosse um ambiente calmo e livre de interrupções, de modo que possa permitir o bem estar físico do entrevistado e preservar o sigilo das informações coletadas.

5.5. EQUIPAMENTOS E MATERIAIS

Para desenvolver esta pesquisa foram utilizados materiais como papel, caneta, roteiro de entrevistas e gravador de voz para registro da entrevista. Após a realização da entrevista foram utilizados computador e impressora.

5.6. PROCEDIMENTOS

5.6.1 Procedimento de seleção dos participantes

Para participar da pesquisa o sujeito deveria preencher os seguintes critérios: seriam selecionados homens e mulheres, acima de 18 anos, que participaram do SMF para dissolução formal do vínculo conjugal e que este não tenha sido há mais de um ano. Portanto seriam selecionados sujeitos que participaram do SMF no período de março 2011 e março 2012.

5.6.2 Procedimento de contato com os participantes

A pesquisadora, após a autorização da Diretora do Fórum de São José (Ver Declaração de Ciência e Concordância das Instituições Envolvidas, no Apêndice B) e depois de aprovado o projeto pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Unisul foi até o Fórum e acessou os arquivos das mediações já realizadas.

Nestes arquivos do SMF continham os dados sobre sujeitos que já participaram da mediação; a pesquisadora então elaborou um quadro com o nome e contato telefônico de cada participante. O quadro contava com vinte nomes, todos os que participaram do SMF para a dissolução do vínculo conjugal no período de março de 2011 a março de 2012. A

pesquisadora, então tentou entrar em contato com as pessoas que participaram do serviço, porém em dois casos em que houve reconciliação não estando aptos para então participar da pesquisa; em dez não foi possível o contato telefônico (devido ao celular estar sempre desligado ou ainda de o número não existir) e quatro não aceitaram participar da pesquisa.

5.6.3. Procedimento de coleta de dados

Como essa pesquisa envolveu seres humanos foi necessário respeitar o Conselho Nacional de Pesquisa na qual dispõe que em pesquisas com seres humanos deve-se assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ver Apêndice C), nele continha um item autorizando a gravação da entrevista, constava também que os sujeitos poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento; além de garantir o sigilo em relação aos sujeitos que foram entrevistados. Verificada a disponibilidade em participar da pesquisa foi entregue o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e pedido para o participante o assinasse.

Para a coleta de dados foi utilizado o método de entrevista semi-estruturada. As entrevistas foram gravadas, transcritas e analisadas posteriormente. A pesquisadora ia até o local combinado previamente com o sujeito, na qual fosse adequado, que mantinha o sigilo, que não tivesse barulho, não ocorresse interrupções, e que proporcionasse conforto ao participante.

5.6.4. Procedimento de organização, tratamento e análise de dados

De acordo com Sampieri, Collado e Lúcio (2006) o processo de análise de dados envolve organização por parte do pesquisador. A fim de não reduzir dados, o pesquisador deve classificá-los “por temas, subtemas, ordem de coleta etc.” Dessa forma após serem coletados os dados, os mesmos foram categorizados por temas e subtemas, a posteriori. A categorização para Bardin (2011) reúne em um grupo, elementos, as unidades de registro, sob um título genérico, ou seja, agrupa-se os dados conforme as suas características comuns. Foi realizada a interpretação dos dados coletados, na qual consiste em estabelecer ligação dos dados obtidos com outros já conhecidos (GIL, 2002).

6. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Conforme descrito no método a ideia inicial era de entrevistar pelo menos três mulheres e três homens. Porém devido ao número restrito de pessoas que participaram da mediação para dissolução formal do vínculo conjugal no período estabelecido no método, de muitas já não possuírem mais o mesmo contato telefônico ou até a falta de disponibilidade em participar da pesquisa fez que a pesquisadora entrevistasse três mulheres e um homem.

Neste capítulo serão apresentadas as informações coletadas, bem como a análise dessas informações conforme os objetivos específicos estabelecidos para a pesquisa. Assim como foi descrito no método, foram criadas categorias e subcategorias a posteriori como forma de realizar um mapeamento e uma organização dos dados coletados, fundamentando com o referencial teórico levantado pela pesquisadora. Este capítulo se divide em três sub-capítulos intitulados: Identidade de casal antes da dissolução formal do vínculo conjugal; Processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução do vínculo conjugal e Identificar a função do Serviço de Mediação Familiar no processo de reconstrução da identidade individual de homens e mulheres após a dissolução formal do vínculo conjugal.

5.1 IDENTIDADE DE CASAL ANTES DA DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL

Este sub-capítulo se subdivide em quatro categorias e nove subcategorias de análise (Quadro 6). A partir da fala dos sujeitos de pesquisa foi identificado as suas percepções acerca de aspectos relacionados ao casal.

A primeira categoria **segundo o relato de terceiros para o sujeito de pesquisa**, se subdivide em três outras subcategorias: Casal perfeito; Cônjuge Alegre, Feliz; Não falavam a sua percepção. As informações coletadas partiram da percepção do próprio sujeito de pesquisa sobre a percepção de terceiros sobre o ex-casal e sobre o sujeito de pesquisa, ou seja, o sujeito entrevistado trazia informações sobre como ele achava que os familiares e amigos percebiam o casal e a ele próprio.

Quadro 6 – Identificar a identidade de casal antes do divórcio

Categoria	Subcategoria	Sujeitos
Segundo o relato de terceiros	Casal perfeito	S1; S2; S3; S4
	Cônjuge alegre, feliz	S1; S2
	Não falavam a sua percepção	S3; S4
Auto-percepção	Era triste	S1
	Era feliz	S2; S3; S4
Casal gostava de fazer	Ficar em casa	S2; S4
	Se reunir com amigos	S1; S3
Cônjuge deixou de fazer depois do casamento	Não deixou de fazer nada	S2; S4
	Deixou de sair para festas	S1; S3

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Em relação a subcategoria casal perfeito os sujeitos relataram que os outros não tinham muito conhecimento sobre o que se passava entre o casal, principalmente o que se passava quando estavam dentro de casa. Relatam que foram raros os casos em que discutiam na frente de outras pessoas, e que por isso acreditam que os familiares e amigos não suspeitavam que o casal estava em crise e que desejava se separar. Dessa forma, concluíram que os outros os consideravam como casal perfeito. Sobre isso S2 fala:

Da minha família eles tiveram um back porque pra eles a gente era um casal perfeito [...] ninguém sabia realmente o que a gente passava dentro de casa. (sic).

Percebe-se que em todos os entrevistados havia um cuidado para que ninguém soubesse o que acontecia entre o casal, porém o fato de o entrevistado relatar que os outros não sabiam da realidade passada entre o casal, não significa que essa seja mesmo a percepção de terceiros, pois estes poderiam perceber algo e não falar ao casal.

Além da percepção de terceiros sobre o casal, também foi questionado sobre a percepção de familiares e amigos, sobre o sujeito entrevistado, a partir da percepção do próprio sujeito. Dois dos entrevistados relataram que os outros o viam como uma pessoa alegre, feliz, da mesma forma que era o casal. Foi percebido que pode ser que os sujeitos não conseguem fazer uma diferenciação de como era o casal e de como eles eram. Sobre isso S4 relata:

Eu, as pessoas viam da mesma forma (*que o casal*) alegre, extrovertida, conversa com todo mundo, me dou bem com todas as pessoas. (sic).

Essa dificuldade em separar o indivíduo do casal pode estar relacionado ao que Feres-Carneiro (1998) disserta: quando duas pessoas se tornam um casal encerram-se duas individualidades e em uma relação amorosa é necessário que se construa uma conjugalidade, que deve consistir em desejos em comum, uma história conjugal, uma identidade conjugal. Ou seja, os sujeitos “encerraram” a sua individualidade para construir a sua conjugalidade.

Os outros dois entrevistados relataram que familiares e amigos não falavam a sua percepção sobre o entrevistado para ele. Os sujeitos relataram que tentavam não demonstrar como estavam se sentindo. Conforme S3 fala:

Acho que pela nossa convivência assim com os nossos amigos assim sempre normal não demonstrava que eu tava querendo me separar. Até porque era uma decisão minha e eu não queria envolver muita gente. (sic).

Os sujeitos relatam que acham que os outros não percebiam como o sujeito se sentia, porém pode ser que os outros não falavam o que percebiam. Nota-se também a preocupação dos sujeitos em não demonstrar como realmente se sentiam, o que pode estar relacionado a dúvida sobre o desejo de separação. Assim como Ibrahim (1984 apud ÁVILA, 2004) traz sobre as possíveis etapas do divórcio na qual os sujeitos percebem que algo não vai bem e na etapa posterior o sujeito nega a separação.

A segunda categoria **auto-percepção** se subdivide em outras duas subcategorias: Era triste no casamento; Era feliz no casamento. Nessa categoria os sujeitos relataram como se sentiam quando eram casados. Sobre como os sujeitos se sentiam enquanto casados, três relataram que foram felizes no casamento conforme S4 fala:

Eu era feliz, eu era uma pessoa tranquila, não sou uma pessoa exigente com nada, pra mim tava bom, do jeito que eu tava vivendo tava bom. (sic)

Somente um dos entrevistados (S1) relatou ter sido triste no casamento:

Ah eu era triste. Eu não fui feliz não. (sic)

O que vale destacar nessa categoria é a contradição do entrevistado que relatou ter sido triste no casamento e posteriormente ele relata que não tinha o desejo de se separar, gostaria de continuar casado. Ou seja, mesmo não sendo feliz no casamento, ele preferia continuar casado, pois em geral ser feliz ou triste no casamento leva ao desejo de separação. Já os entrevistados que relataram terem sido felizes no casamento, também relataram que partiu deles o desejo de separação, pois não estavam mais contentes com o relacionamento. Houve então a busca por continuarem a serem felizes em suas vidas, casados ou não.

Quando S1 relata não ter sido feliz em seu casamento pode estar relacionado ao que Carter & McGoldrick (1995, p.18) destacam: que as mulheres tendem a antecipar o casamento enquanto os homens tendem a ter medo de serem “apanhado numa armadilha”, porém eles se saem melhor no casamento no que se refere ao bem estar psíquico e físico. Pois tradicionalmente a mulher cuidava do marido e dos filhos e exercia o papel de “esposa” que tem um “baixo status” social e muito trabalho, o que não atende às necessidades emocionais da mulher (CARTER & MCGOLDRICK, 1995, p. 18).

Ampliando a compreensão sobre a identidade de casal antes do divórcio, foi identificado quais as atividades que o casal realizava. Na terceira categoria sobre o que o **casal gostava de fazer** se subdivide em duas subcategorias: Ficar em casa; Se reunir com amigos; nesta categoria foi identificado que tipo de atividades o casal gostava de fazer juntos. Dois dos entrevistados relataram que o casal gostava era de ficar em casa. Conforme S2 diz:

Era mais em casa mesmo nada de muita aventura, bem tranquilo, mais caseiro mesmo. (sic)

Os demais entrevistados falaram que gostavam de se reunir com amigos conforme S3 fala:

Gostava de sair, frequentar a casa dos meus amigos, eu tenho amigos de infância que casaram a gente frequentava a casa deles eles frequentavam a nossa casa, reunião de amigos. (sic)

O lazer dos entrevistados ou era ficar em casa ou se reunir com os amigos. Monteiro (2006) traz que quando um casal tem filhos o tempo de lazer diminui, principalmente quanto mais novos forem os filhos, e todos os entrevistados tem filhos. O autor ainda ressalta que o lazer se altera conforme o papel que o sujeito ocupa na família.

Na quarta categoria sobre o que o **cônjuge deixou de fazer depois do casamento** se subdivide em duas subcategorias: Não deixou de fazer nada; Deixou de sair para festas. No que tange a esta categoria em que disserta sobre o que o cônjuge deixou de fazer depois do casamento, dois dos entrevistados relatam não terem deixado de fazer nada, o que fica evidente na fala de S2:

Não tranquilo, pra mim bem tranquilo. De repente alguma festa de família que eu não tava muito a fim de ir, mas ia. (sic)

Os outros dois entrevistados relataram que deixaram de ir a festas depois de casados, é o que fica evidente na fala de S3:

Depois que a gente casa muita coisa muda. Os amigos eu continuei vendo mas não da forma que era antes balada, essas coisas. (sic)

O fato de o sujeito deixar de ir para festas pode estar relacionado ao que Taylor (2005, p.15) traz em que muitas vezes a identidade e a moralidade estão entrelaçadas, pois a moral estaria relacionada ao senso de justiça e de respeito à vida, ou seja, o sujeito deixa de fazer aquilo que é considerado imoral por ele estar casado. Pois a concepção social é de que quando somos casados não devemos ir para festas, baladas, este seria o comportamento aceito para quem é solteiro. A nossa identidade esta relacionada àquilo que vai nos orientar pelo o que achamos ser válido para nós, e, o que nos orientaria estaria ligado ao que consideramos ser moral, e, sair para baladas - para os sujeitos entrevistados – poderia ser algo considerado imoral (TAYLOR, 2005).

Foi possível perceber que pode ser que os sujeitos não conseguem fazer uma diferenciação de como se percebiam quando eram casados para agora que estão separados. Também foi possível ver que metade dos sujeitos diz que mudaram as atividades que realizavam antes do casamento para as realizadas depois do casamento, enquanto a outra metade diz que não mudou as atividades realizadas. O que é importante destacar é três do entrevistados inferem que é importante se sentirem felizes na suas vidas, e que como passaram a não se sentir mais felizes no casamento, optaram pela separação.

6.2. O PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL APÓS A DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL

Neste capítulo é possível observar os processos que os sujeitos utilizaram para agir/intervir frente a necessidade de reconstrução da identidade individual, devido a separação e ao “encerramento” da conjugalidade. O capítulo se subdivide em seis categorias (Quadro 7): **Lidar com a separação; Autopercepção no momento da separação; Sentimento em relação a separação; Perspectiva de futuro após a separação; Benefícios com a separação; Prejuízos e dificuldades após a separação.**

Quadro 7 – Quadro de categorias sobre o processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal

Categoria	Subcategoria	Sujeitos
Lidar com a separação	Tranquilidade	S2; S4
	Dificuldade	S1; S3
Auto percepção no momento da separação	Aliviado	S2; S3
	A vida não tinha sentido	S1
	Criou uma força	S4
Sentimento em relação a separação	Revolta	S1
	Alegria	S2; S3
	Alívio	S4
Perspectiva de futuro após a separação	Viver o presente	S3
	Sonhos de passear	S1
	Encontrar outro companheiro	S2; S4
Benefícios com a separação	Sentimento de liberdade	S2; S4
	Aproximação do filho	S3
	Não teve benefício	S1
Prejuízos e dificuldades após a separação	A separação em si	S1
	Sentir-se só	S3; S4
	Dificuldade financeira	S3

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Em relação a primeira categoria, **lidar com a separação**, ela se subdivide em duas subcategorias: Tranquilidade e Dificuldade. Nesta categoria os sujeitos relatam como que foi enfrentar a separação. Dois entrevistados relataram terem lidado com a separação de forma tranquila, como fica evidente nas palavras de S2:

é que o amor acabou, então eu me sinto tão aliviada (*com a separação*), tão feliz que na verdade eu via com a maior tranquilidade. [...] Como hoje tem muito isso, de que tudo acontece por que não se sabe de que tem que conquistar aquela pessoa que tá do teu lado, que tu tem que estar te sentindo bem pra pessoa se sentir bem ao teu lado. (sic)

Os entrevistados que relataram terem lidado com a separação de forma tranquila são mulheres e elas relataram que o desejo de separação partiu delas e que o fato de trabalharem

fora e terem uma independência financeira foi significativo para a decisão de separação além do fato de não se sentirem mais amadas pelos ex-maridos. O que vai ao encontro do que Féres-Carneiro (1997 e 2003) diz que as mulheres concebem o casamento como uma relação amorosa, ou seja, quando as entrevistadas dizem não se sentirem mais amadas pelos maridos sentem que o casamento não tem sentido.

Já os outros dois entrevistados relatam que lidaram com a separação conjugal com dificuldade, como relata S3:

Ah foi difícil. Difícil porque foram 10 anos convivendo com a pessoa e a gente acaba meio que muitas coisas acostumando né. Tem o meu filho também que sofreu bastante, no começo, os primeiros meses foram bem complicados, bem difícil. (sic)

A separação conjugal acarreta em um grande sofrimento. Schabbel (2005) afirma que os casais apresentam um sentimento de perda ao falharem no casamento, sentindo-se profundamente fracassados. Féres-Carneiro (2003) complementa dizendo que uma das dificuldades da separação é desfazer a identidade conjugal, a conjugalidade, e reconstruir a identidade individual. Foi o que relataram os outros dois entrevistados, um homem e uma mulher, que lidaram com a separação com dificuldade.

Maldonado (2009) ainda traz que quando se desfaz um relacionamento, o vínculo com o ex-conjuge não se desfaz, ele apenas se transforma, principalmente em um relacionamento em que se tem filhos, pois pode-se ser um ex-marido, mas não um ex-pai ou uma ex-mãe, o que torna ainda mais doloroso esse processo. Pois, o processo da separação envolve muitos conflitos e discussões e o divórcio vai afetar todos os membros da família (BENETTI, 2006; FERES-CARNEIRO, 1994). Ele é doloroso para todos que o vivenciam tanto para os pais quanto para os filhos.

O que fica evidente nesta categoria é que é possível lidar com todo o processo da separação com tranquilidade, porém há muitas dificuldades que precisam ser enfrentadas. O que diferencia é a forma que a identidade de cada um é constituída e transformada de acordo com o que ela vivencia (TAYLOR, 2005). Hall (2006) destaca que o sujeito constrói várias identidades ao longo da vida e algumas vezes ele precisa desconstruir uma identidade, outras vezes construir uma nova, sendo essas identidades em alguns momentos contraditórias e em outros “não resolvidas” (p.2). Ou seja, essa transformação da identidade, essa reconstrução de “ser” nem sempre é algo bem resolvido.

Portanto o que pode diferenciar a forma como lidaram com a separação, e para nos auxiliar a entender como cada um enfrentou a separação identificamos qual era a auto-percepção no momento da separação, como que os entrevistados estavam se percebendo e se sentindo neste momento. Um dos entrevistados que disse ter lidado com a separação com dificuldade disse também ter se sentido aliviado com a separação. E, uma das entrevistadas que disse ter lidado com a separação com tranquilidade também relatou ter se sentido aliviada:

Ah eu tava me sentindo aliviada. Aliviada porque assim o nosso relacionamento se teve uma separação era porque já não estava bem então assim a gente tava brigando direto. (sic) S2

O que vai ao encontro do que Feres-Carneiro (1998, apud FERES-CARNEIRO, 2003) diz, que apesar da separação ser um processo doloroso ele pode ser a melhor opção para o bem-estar e felicidade das partes. Feres-Carneiro (1998, apud FERES-CARNEIRO, 2003) disserta que apesar da separação ser a melhor solução para um casal que não consegue superar suas dificuldades, ela pode ser vivenciada de uma forma extremamente dolorosa, em que tem um “luto a ser elaborado” (p.4). O que ficou evidente na sub-categoria A vida não tinha mais sentido, quando S1 fala:

Ai eu já tava totalmente doente, ai já não tinha mais sentido nenhum a vida. Ai já foi muito difícil. (sic)

Foi possível perceber que S1 vivia um momento de crise na qual vivenciou muitas perdas com a separação e com o processo de adoecimento que ocorreram concomitantes. Rosset (2008) destaca que nesses momentos é necessário que o sujeito aprenda a lidar com a perda para poder voltar para a vida de forma mais organizada. O que parece não ter acontecido com S1, pois em vários momentos da entrevista ela destaca que mesmo não sendo feliz no casamento era melhor continuar casada, e com a doença ela diz que a sua vida não tem mais sentido. Esse modo de pensar e agir de S1, pode estar relacionado ao seu padrão de funcionamento e as crenças que ela elaborou ao longo da vida, essa forma repetitiva de agir, de lidar frente as situações (ROSSET, 2008).

Em relação a subcategoria Criou uma força, apareceu em apenas um dos entrevistados. Conforme na fala de S4:

Sei lá eu criei uma força pra poder... eu tive que criar força pra poder tocar as coisas em frente [...] eu tinha que dar conta da casa, de trabalhar fora, do meu filho que fica a semana toda comigo então tem que dar atenção, ficou uma carga grande mas eu consegui administrar tudo. (sic)

Enfrentar a situação e reorganizar o Sistema familiar pode estar relacionado às possíveis fases de um divórcio descrito por Ahrons (1980 apud FERES-CARNEIRO, 2010) e mais especificamente a quarta fase denominada de Reorganização do Sistema na qual é preciso deixar claro as novas fronteiras, reorganizar a família, os papéis de cada um e as novas atribuições de cada membro da família.

Como modo de melhor compreender como que se dá o processo de reconstrução da identidade individual foi necessário saber qual que era o sentimento dos sujeitos em relação a separação. Dois dos entrevistados relataram que o sentimento era de alegria como fica evidente quando S2 fala:

Mas foi uma situação bem tranquila, o tempo mais eufórico meu de alegria, de uma coisa boa foram os seis primeiros meses, e não acreditava que aquilo tava acontecendo, porque foi muito bom mesmo a nossa separação, me fez muito bem, muito bem mesmo. (sic)

Nesta subcategoria, Alegria, destaca-se que os mesmos sujeitos que relataram terem se sentindo aliviados em relação a separação relatam que o sentimento em relação a separação era de alegria. A autora Féres-Carneiro (2003) traz que a mulher valoriza muito mais o casamento e como ela o valoriza mais elas procuram outras alternativas para o relacionamento antes de tomar a decisão pela ruptura do casamento. Então se as mulheres buscam outras alternativas para o relacionamento e acabam tomando a decisão pela separação elas se sentem alegres quando a dissolução formal do vínculo conjugal acontece, assim como já foi descrito, é uma decisão muito difícil de ser tomada, e a partir dessa decisão a separação em si acarreta esse sentimento de alegria.

Outro sentimento relacionado a separação que um dos entrevistados relatou foi o de alívio, conforme S4 diz:

Sentimento de alívio, de querer viver um pouco só. (sic)

O que vai ao encontro da pesquisa de Féres-Carneiro (2003) que apesar da dificuldade que é o processo de separação o sentimento decorrente dela é o de alívio. Ou seja, apesar de os sujeitos relatarem que é um processo muito doloroso, é esse o sentimento que fica.

Em relação a outra subcategoria Revolta, foi trazida por S1, na qual ela ressalta que a separação não era o que ela queria, então o sentimento em relação a ela é o de revolta, como fica evidente em sua fala:

O meu sentimento foi de revolta pelo fato de eu não ter conseguido nada, nem sequer uma casa decente, ter ficado com o filho assim numa situação financeira difícil porque também era só a conta pra comer, não pra fazer mais nada. E, não ter tido a possibilidade de eu ir mais na frente porque eu fiquei uma dona de casa obcecada só pelas coisas da casa e não lutei por mim mesmo. (sic)

Essa participante como já foi relatado, está passando por um momento de crise em sua vida, em que descobriu uma doença degenerativa, e que a sua perspectiva de vida é de cinco anos. Essa mesma entrevistada relata que sempre trabalhou em casa e que vivia para o marido e para a família, e nesse momento da separação a sua situação financeira está difícil, ainda mais com a sua doença. Porém esse sentimento pode estar relacionado ao que Féres-Carneiro (2003) diz, que o processo de separação é muito doloroso e que muitos ressaltam terem fracassado no casamento.

Ávila (2004) fala que há alguns casos em que não é recomendada a mediação familiar. Segundo a autora seria em casos que as partes não estão interessadas em resolver o conflito, não há comunicação entre o casal, quando há um desequilíbrio de poder entre as partes, ou ainda quando um dos envolvidos possui alguma doença ou problema que o dificulte a tomar decisões. O que parece que acontecia com S1, ela estava com problemas que a dificultava a sua tomada de decisão, não pelo fato de ter uma doença degenerativa, mas o fato de ter descoberto a doença no mesmo período em que estava participando do SMF, ela estava muito vulnerável nesse momento, o que a dificultava de tomar decisões.

Para ampliar a discussão do processo de reconstrução da identidade individual após o divórcio foi identificado qual era a perspectiva de futuro após a separação. Dois dos entrevistados relataram que desejam encontrar outro companheiro. Como S4 relata:

Eu me imagino bem melhor. Eu me imagino casada, eu sou uma pessoa que não sirvo pra viver sozinha, eu fico muito solitária, eu quero encontrar uma pessoa especial, claro. (sic)

Quando um casal se separa é normal que ambos os cônjuges procurem uma nova relação amorosa, ou seja, o recasamento é algo muito comum. O que nos remete ao que Féres-Carneiro (2003) diz que apesar do número de divórcio vir aumentando, isso não significa que

houve uma desvalorização do casamento, pelo contrário. A hipótese da autora é que as pessoas valorizam tanto o casamento que quando ele não corresponde as suas expectativas, ocorre o divórcio. O que significa que as pessoas se divorciam porque esperavam mais dos seus casamentos, e então iniciam uma busca por novos relacionamentos e novos casamentos.

Um dos entrevistados relatou que deseja viver o presente. Como fica evidente na sua fala (S3):

Hoje eu estou mais solto, mais a vontade, faço mais o que eu quero, estou vivendo mais o momento, quero ser feliz agora, as coisas no futuro a gente vai colocando em ordem. (sic)

O fato de S3 dizer que agora o seu desejo é de ser feliz, pode estar relacionado ao que Lamela (2009) ressalta, que passado o momento de crise após a separação, a dissolução conjugal promove um bem-estar superior ao vivenciado no casamento.

Enquanto S3 fala do seu desejo de ser, feliz de viver o presente, S1 fala sobre os seus sonhos de passear:

Eu tinha sonhos né. Não sonhos de casar de novo essa coisa não. Mas sonhos de, por exemplo, [...]daqui a três anos me aposentar e sair pra passear. (sic)

Em relação aos benefícios com a separação dois dos entrevistados falaram sobre o Sentimento de Liberdade, como fica evidente da fala de S4:

Me sinto livre sabe? Eu entro a hora que eu quero, saio a hora que eu quero, não que antes eu tivesse que ficar dando muita satisfação mas tu tem uma pessoa que tá te esperando, então eu me sinto bem livre, bem dona do meu nariz e eu acho muito bom. (sic)

O sentimento de liberdade é trazido por Féres-Carneiro (2003) como um dos benefícios decorrentes da separação. Pois apesar da dificuldade vivenciada, esse seria um fator positivo ao que tange o processo de separação conjugal. Santos (2010) em sua pesquisa também traz que o sentimento de liberdade é um dos benefícios decorrentes da separação. Na pesquisa de Santos (2010) são evidenciados outros benefícios decorrentes da separação conjugal como a melhoria do controle financeiro, o fortalecimento da autoestima, assim como também o resgate da responsabilidade parental.

Outro benefício elencado por um dos entrevistados está a aproximação do filho:

Ah agora parece que eu to mais junto do meu filho do que antes. (sic)S3

O que vai de encontro da pesquisa de Brito (2007) em que a autora buscou analisar, a partir da percepção dos filhos, quais as mudanças que ocorreram após a separação dos pais principalmente no que tange à convivência familiar. Na sua pesquisa foi evidenciado que uma das grandes mudanças estava relacionada ao afastamento entre pais e filhos principalmente em relação ao que não é o guardião dos filhos. O que é diferente da situação de S3, o seu filho ficou sob a guarda da mãe e mesmo assim o pai considera que um dos benefícios decorrentes da separação foi a aproximação com o filho, ou seja, mesmo o filho de S3 ter ficado com a guarda da mãe (ex-esposa de S3) S3 considera que se aproximou do filho depois da separação conjugal. Indo ao encontro de Santos (2010) na qual um dos benefícios decorrentes da separação foi o resgate da responsabilidade parental.

Já a entrevistada S1 ressalta que ela não percebeu nenhum benefício com a separação.

Não, eu creio que eu não tive benefício nenhum. (sic)

O que S1 fala que não teve nenhum benefício vai de encontro ao que Féres-Carneiro (2003) encontrou em sua pesquisa, que apesar das dificuldades decorrentes da separação todos os sujeitos entrevistados pela autora perceberam algum benefício.

Em relação às dificuldades e prejuízos após a separação S1 ressalta que o seu prejuízo foi a separação em si e principalmente o fato da sua doença ter sido concomitante com a separação, assim como ela traz:

O prejuízo foi tudo isso, o prejuízo de não ter a minha liberdade mesmo porque na realidade tu não podia ficar liberta ainda mais agora com a minha doença que preciso de alguém até pra tomar banho. Porque na realidade com a doença eu deveria ter ficado do jeito que tava, que eu já era doente, não ia ter pretensão de casar, não teria interesse a separação pra mim, a separação foi interessante pra ele. (sic)

Já S4 não percebeu nenhuma dificuldade somente que se sentia um pouco só, o que também foi trazido por S3.

Não porque sempre foi tudo comigo. Eu sempre me virei com as minhas coisas e com muitas coisas da casa também. Então não mudou muito não.[...] O que foi ruim é que eu me sinto sozinha mas eu não sinto falta dele, falta uma pessoa claro a gente quer carinho, amor. Eu me sinto sozinha mas eu não sinto falta da pessoa dele, eu não sinto saudade dele. (sic)

A solidão trazida como uma dificuldade decorrente da separação conjugal é algo que Féres-Carneiro (2003) também encontrou em sua pesquisa. Ou seja, a vivência da solidão é algo que pode ser considerado comum em pessoas que se separaram.

Porém outra dificuldade ou prejuízo que foi trazida pelo entrevistado foi a Dificuldade financeira:

A dificuldade de me reerguer financeiramente, eu to com bastante dificuldade. (sic)

Fleck & Wagner (2003) ressaltam que a dificuldade financeira é um estressor e que seria a causa de muitos conflitos conjugais e um dos motivos que afasta o casal. Na pesquisa de Santos (2010) a autora encontrou que após a separação conjugal os sujeitos vislumbraram a possibilidade de se reestabelecer financeiramente, de ter novamente um controle financeiro.

Foi possível perceber que a forma como os sujeitos lidam com a separação varia de acordo com a identidade de cada um, de acordo com o modo que cada um vivencia cada situação. Em relação a como os sujeitos se percebiam no momento da separação foi percebido que os sujeitos se sentem aliviados por tomarem a decisão pela separação, assim como o sentimento relacionado a separação é de alívio. Em relação a perspectiva de futuro varia de acordo com cada sujeito, porém o que ficou mais evidente foi o desejo de encontrar um outro companheiro. Ao que tange os benefícios oriundos da separação foi o sentimento de liberdade, enquanto os prejuízos foram a solidão e a dificuldade financeira.

6.3 FUNÇÃO DO SERVIÇO DE MEDIAÇÃO FAMILIAR NO PROCESSO DE RECONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE INDIVIDUAL DE HOMENS E MULHERES APÓS A DISSOLUÇÃO FORMAL DO VÍNCULO CONJUGAL

Este subcapítulo se divide em cinco categorias e nove subcategorias de análise:

Quadro 8 – Quadro de categorias sobre a função de SMF no processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal

Categoria	Subcategoria	Sujeitos
Avaliação positiva do Serviço de Mediação Familiar	-	S1; S2; S3; S4
Auxílio da mediação a refletir sobre o divórcio	-	S1; S2; S3; S4
Auto percepção no momento em que estava participando da mediação	Tranquilidade	S1; S3; S4
	Ansiedade	S2
Auto percepção após participar do SMF	Impotência	S1
	Tranquilidade	S2; S3; S4
Contribuição da Mediação para resolver problemas pessoais relacionados a separação	-	S1; S2; S3; S4
Contribuição da Mediação para compreender melhor a separação	Contribuiu	S2; S3; S4
	Não Contribuiu	S1

Fonte: Elaboração da autora, 2012.

Em relação a primeira categoria, **Avaliação positiva do SMF**, foi possível identificar que todos os entrevistados avaliaram positivamente o SMF, como fica evidente na fala de S2:

Olha foi muito bom, foi bem tranquilo, eu digo assim uma das melhores coisas, a gente sempre foi bem atendido por ser um serviço público, foi assim nem eu nem ele na época tínhamos condições de pagar um advogado, foi rápido, foi eficiente e não teve nenhum custo. O atendimento foi excelente, foi muito bom. (sic)

Na entrevista realizada foi possível perceber que todos os entrevistados avaliaram positivamente o SMF, porém vale destacar que nenhum deles teve outra experiência de separação, ou seja, nenhum deles já tinha se separado antes, nem tiveram contato com o poder judiciário. O que todos os entrevistados relataram foi que era satisfatório o atendimento oferecido pelos estagiários do SMF.

Quando os entrevistados avaliam positivamente o SMF pode estar relacionado com a pesquisa feita por Müller (2007) que investigou as competências profissionais que um mediador familiar deveria demonstrar. Sendo algumas dessas competências a capacidade de demonstrar atitude colaborativa; estabelecer *Rapport*, ou seja, encontrar mecanismos que facilite o entendimento entre as partes e o mediador; além de demonstrar empatia.

Sobre a categoria **Auxílio da mediação a refletir sobre o divórcio** todos os entrevistados relataram que a mediação auxiliou a refletir sobre a separação conjugal. Como fica claro na fala de S4:

A mediação ajudou assim, ou a voltar ou a realmente seguir o caminho cada um o seu, foi bem decisivo. Muito bom. (sic)

Um dos diferenciais da Mediação Familiar é que o mediador atua como um facilitador na conversa dos mediandos, sem propor acordos, e promovendo uma resolução de conflitos não adversarial, ou seja, em que não há adversários (MÜLLER, BEIRAS E CRUZ, 2007). Assim, são os próprios mediandos que encontram a melhor forma de solucionar os seus conflitos, o que aumentaria a probabilidade de obedecerem ao que foi acordado (CURSO DE FORMAÇÃO DE CONCILIADORES E MEDIADORES, 2011). Segundo Ávila (2004) cabe ao mediador encontrar quais são as melhores técnicas e procedimentos adequados para aquele momento, na qual irá facilitar para que os indivíduos tomem as suas próprias decisões. O que parece ficar evidente na fala de S4, que eles foram os sujeitos ativos no processo, não foi um terceiro que decidiu o que seria o melhor para eles.

Para estender a compreensão sobre a função da mediação no processo de reconstrução da identidade individual foi importante compreender como que os sujeitos se sentiam no momento em que participavam do SMF. Deste modo tem-se a categoria **Auto percepção no momento em que estava participando da mediação**. Esta categoria se subdivide em duas subcategorias: Tranquilidade e Ansiedade.

Três dos sujeitos entrevistados relataram se sentirem tranquilos no momento em que estavam participando do SMF, como mostra na fala de S2:

Assim não é nada confortável esse negócio de ficar definindo pensão, quem fica com o quê [...] não tinha muito o que discutir, foi muito tranquilo o meu divórcio.[...] Foi tranquilo. (sic)

Um dos grandes desafios de um mediador é gerenciar a agressividade, pois no momento da separação os participantes são guiados pela frustração relacionado à ruptura do relacionamento (ÁVILA, 2004). E, cabe ao mediador identificar os não ditos, estabelecer regras de respeito mútuo, ser imparcial e escutar ativamente o que é dito. Desta forma fica possível estabelecer uma comunicação entre os mediandos e possível ainda uma negociação da divisão de responsabilidades parentais, na partilha de bens e principalmente nas tomadas de decisões, sendo os indivíduos sujeitos ativos na tomada de decisão (ÁVILA, 2004). Todo

esse esforço do mediador de ser imparcial, escutar ativamente as partes pode propiciar aos mediandos que enfrentem esse momento difícil que é a separação conjugal com tranquilidade.

Em relação a subcategoria ansiedade somente um dos entrevistados (S2) relatou esse sentimento:

Ah eu queria que tudo acabasse muito rápido, acabou rápido mas eu queria que tivesse sido mais rápido ainda, risos. (sic)

Como S2 é mulher, o fato de ela querer que acabe rápido, esta atrelado ao que Féres-Carneiro (2003) traz e que já foi aqui descrito: a mulher valoriza muito mais o casamento e como ela assim o faz elas procuram outras alternativas para o casamento e quando não dá certo elas decidem pela separação, e como essa tomada de decisão é um processo muito difícil quando elas decidem querem que a separação aconteça logo.

Em relação a **Auto percepção após o participar do SMF** tem-se outras duas subcategorias: Tranquilidade e Impotência. No que tange a subcategoria tranquilidade ela equivale ao que já foi descrito no sub-capítulo 5.2 na categoria **Lidar com a separação** em específico na subcategoria Tranquilidade. Porém ela fica evidente na fala de S3:

Depois de ter participado eu me senti tranquilo porque eu vi que as coisas estavam caminhando conforme tem que ser. (sic)

No que tange a subcategoria Impotência, fica evidente na fala de S1:

O sentimento meu agora é assim de...é... impotente digamos. Porque na realidade não sei se eu posso fazer alguma coisa ainda. (sic)

Vale lembrar que essa participante está vivendo um momento de crise por conta da descoberta da sua doença degenerativa, e de sua perspectiva de vida ser de apenas cinco anos. Vitoreli, Pessini e Silva (2005) falam que a decorrência de doenças e a redução da renda são fatores que podem levar um indivíduo a um desequilíbrio emocional. As autoras ainda falam que na sociedade não existe lugar para a velhice e principalmente para sujeitos que possuem algum tipo de doença crônica. E, que é comum essas pessoas que possuem doenças crônicas viverem em casas de repouso ou em casa de familiares, porém mesmo vivendo com a família experimentam o sentimento de solidão e um desequilíbrio emocional. É o que parece acontecer com S1, após a descoberta de sua doença que lhe causa várias limitações físicas, ela está vivenciando um momento de vulnerabilidade.

Para compreendermos qual a função do SMF para a reconstrução da identidade individual foi identificado se os entrevistados acham que o SMF contribuiu para a resolução de problemas pessoais relacionados à separação conjugal, dessa forma tem-se a categoria **Contribuição da Mediação para resolver problemas pessoais relacionados ao divórcio**. Todos os entrevistados relataram que a mediação contribuiu, como fica claro na fala de S4:

Pra mim foi ótimo, porque como eu falei, eu nunca passei por isso então a informação que foi me passado lá, como foi conduzido as coisas, foi ótimo, nossa perfeito! Pra mim foi super tranquilo, só ia lá nos encontros fazíamos o que tinha que ser feito, depois entrou a parte da advogada, pra mim foi excelente. Adiantou bem a minha vida. (sic)

De acordo com Fonkert (1998) a função da mediação familiar é para resolver questões específicas e objetivas. Nascimento, Sandrini e Maciel (2011) trazem que na mediação são resolvidas questões relacionadas a responsabilidade parental, valor de pensão alimentícia, dia de visitas, férias; negociação de divisão de bens, o que entra também a divisão de dívidas contraídas ainda durante o relacionamento conjugal; e, por último, a negociação das responsabilidades financeiras. Ou seja, a mediação é o espaço em que os indivíduos tem para resolver as questões relacionadas ao divórcio. Então uma das funções primordiais da mediação é contribuir para que os problemas relacionados ao divórcio sejam resolvidas.

Em relação a categoria **Contribuição da Mediação para compreender melhor a separação** ela se divide em duas subcategorias: Contribuiu e Não contribuiu. No que tange a subcategoria Contribuiu três dos entrevistados relataram que o SMF contribuiu para uma melhor compreensão da separação conjugal. Como fica exposto na fala de S3:

Ajudou, ajudou. Ajudou a compreender sim. Ajudou porque as moças foram bem atenciosas com a gente, todas as dúvidas que a gente tinha foram bem esclarecidas então foi bem tranquilo. (sic)

O que vai ao encontro do que Cezar-Ferreira (2004) diz que apesar de não ser função da mediação trabalhar conteúdos subjetivos é possível que os mediandos ressignifiquem algumas questões. No que se refere à afirmação anterior, entende-se que o interspíquico está sempre em movimento, então mesmo que as práticas não sejam terapêuticas elas podem levar a algum efeito terapêutico.

Somente um dos entrevistados (S1) relatou que o SMF não contribuiu para uma melhor compreensão da separação conjugal. Como fica claro em sua fala:

Na realidade com a doença eu deveria ter ficado do jeito que tava, que eu já era doente, não ia ter pretensão de casar, não teria interesse a separação pra mim, a separação foi interessante pra ele, porque foi ele que me coagiu, pra mim ir lá e fazer essa separação amigavelmente. (sic)

Porém assim como já foi falado essa entrevistada apesar de ter reatado não ter sido feliz no casamento ela preferiria continuar casada. Além de ser essa mesma entrevistada que passa por um momento de crise por conta da descoberta da doença degenerativa.

Foi possível perceber que as práticas realizadas pelo SMF estão de acordo com as propostas estabelecidas, contribuindo para a resolução de problemas relacionados a dissolução formal do vínculo conjugal, além de contribuir para uma melhor compreensão da separação, assim como também contribui para o processo de reconstrução da identidade individual.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde que o SMF foi implantado em setembro de 2001, várias pesquisas relacionadas a ele foram sendo realizadas. E por se tratar de um serviço considerado inovador muito ainda tem que se pesquisar a fim de verificar se necessita melhorar as práticas já realizadas. Com o intuito de ampliar as pesquisas relacionadas ao SMF é que se materializou este trabalho.

A presente pesquisa buscou caracterizar a percepção de homens e mulheres que passaram pela dissolução formal do vínculo conjugal sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual. Para que isso fosse possível foram entrevistados quatro pessoas que passaram pelo SMF para dissolução formal do vínculo conjugal.

Para responder ao objetivo geral da pesquisa foram estabelecidos três objetivos específicos: Identificar qual era a identidade de casal antes da dissolução formal do vínculo conjugal ; Identificar o processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal de homens e mulheres que passaram pelo SMF; Identificar a função da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual de homens e mulheres após a dissolução formal do vínculo conjugal.

Em relação a identidade de casal antes da dissolução formal do vínculo conjugal foram identificados questões relacionadas ao que o casal gostava de fazer, qual a percepção de terceiros sobre o casal e a auto percepção enquanto casado. Foi identificado que o que o casal gostava de fazer não modificou após a separação conjugal e que os parentes e amigos não percebiam que o casal estava para se separar.

Já ao que tange o processo de reconstrução da identidade individual após a dissolução formal do vínculo conjugal foi identificado aspectos de como o sujeito lidou com a separação, em que foi possível perceber que a forma em que cada um lida com ela varia conforme a sua constituição de sujeito; no sentimento em relação a separação o que se destacou foi o de alegria; também foi identificado qual a perspectiva de futuro após a separação que o ficou evidente foi o desejo de encontrar um outro companheiro.

Já em relação a função da Mediação Familiar no processo de reconstrução da identidade individual, foi possível verificar que os entrevistados fazem uma avaliação positiva do SMF, além de perceberem que o serviço auxilia a refletir sobre o divórcio, bem como contribuiu para resolver problemas pessoais em relação a dissolução formal do vínculo conjugal.

Dessa forma conclui-se que o SMF contribui no processo de reconstrução da identidade individual. Ou seja, conclui-se que os objetivos propostos para a pesquisa foram respondidos, bem como as atividades realizadas pelos mediadores estão de acordo com o que o serviço se propõe a realizar.

Para a realização dessa pesquisa as dificuldades encontradas estão relacionadas ao contato com os sujeitos que participaram do SMF dentro do tempo pré estabelecido pela pesquisadora, a não disponibilidade de outros em participar da pesquisa, bem como o fato de outros terem reconciliado. Apenas quatro pessoas aceitaram participar da pesquisa, que foram três mulheres e um homem. Mesmo com a dificuldade de localizar os sujeitos que participaram do SMF e o número de participantes da pesquisa ser reduzido, considera-se que os objetivos da pesquisa foram alcançados. Porém o interesse da pesquisadora em aprofundar os conhecimentos em relação a temática pode ser considerada um facilitador para a realização desta. Outra facilidade foi a disponibilidade da instituição em possibilitar que os sujeitos de pesquisas fossem contatados a partir dos arquivos do SMF.

A importância em pesquisar a temática se deu a partir do momento em que novas práticas vem sendo realizadas, como é o SMF. Com o resultado da pesquisa é possível que os mediadores, principalmente os de formação em psicologia, auxiliem os sujeitos que buscam o SMF para a dissolução do vínculo conjugal, fazendo com que estes reflitam sobre a separação conjugal e tentando de alguma forma amenizar o sofrimento decorrente dela. Sendo de extrema importância principalmente para a sociedade que usufrui do SMF, que irá encontrar um serviço cada vez mais preparado para auxiliar os que se separam e, em receber apoio além do que a justiça comum pode oferecer.

Porém, a temática ainda não foi esgotada e ainda há muito o que se pesquisar, pois apesar de o poder judiciário disponibilizar este serviço ele não é de acesso a todos. Ele ainda se limita a poucas comarcas no estado, além de ser destinado somente a população de baixa renda. Acredito que realizando um estudo de comparação entre sujeitos que realizaram a dissolução formal do vínculo conjugal no sistema judiciário comum, com sujeito que realizaram pelo SMF, possa-se disseminar ainda mais os benefícios em relação ao SMF, bem como a ampliação deste.

REFERENCIAS

- ARAÚJO, Maria de Fátima. Amor, Casamento e Sexualidade: velhas e novas configurações. **Psicologia: Ciência e Profissão**. Brasília, v. 22, n. 2, jun. 2002. Disponível em: <C:\DocumentsandSettings\Administrador\Desktop\Artigos\scielo.php.htm>. Acesso em: 21 set. 2011.
- AVILA, Eliedite Mattos. **Mediação Familiar: Formação de Base**. Apostila. Florianópolis: TJSC, 2004.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BOCK, Ana Mercês Bahia; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes Trassi. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13ª ed. São Paulo: Editora Saraiva, 2002.
- BRASIL. PL nº 505/2007. Projeto de Lei: **Altera dispositivo do Código Civil para inserir a mediação familiar como recomendação na regulação dos efeitos da separação e divórcio**. Brasília, 2011. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=345369>>. Acesso em: 2 nov. 2011.
- CANO, Débora Staub. Et al. As Transições Familiares do Divórcio ao Recasamento no Contexto Brasileiro. **Reflexão e Crítica**. Florianópolis, v.22, n.2, p.214-222, out. 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/prc/v22n2/a07v22n2.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.
- CARTER, Betty; MCGOLDRICK, Monica. **Constituindo uma família recasada. As mudanças no Ciclo de Vida Familiar: Uma estrutura para a terapia familiar**. 2ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995, p. 344-371.
- CEZAR-FERREIRA, Verônica A. da Motta. **Família, Separação e Mediação: uma visão psicojurídica**. São Paulo: Editora Método, 2004.\
- CRESWELL, John W. **Projeto de Pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. 3 ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.
- CURSO DE FORMAÇÃO DE CONCILIADORES E MEDIADORES. Florianópolis, 2011.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. **Psicologia: Reflexão e Crítica**: v.11, n.2, p. 379-394, 1998. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79721998000200014&script=sci_abstract&tlng=pt> Acesso em: 29 set. 2011.

FERES-CARNEIRO, Terezinha. Diferentes abordagens em terapia de casal: uma articulação possível?. **Temas psicologia**, Ribeirão Preto, v. 2, n. 2, ago. 1994. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1994000200006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 set. 2011.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha; NEGREIROS, Teresa Creusa de Góes Monteiro. Masculino e Feminino na Família Contemporânea. **Estudos e Pesquisa em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvs-psi.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&Pid=S18082812004000100004&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 28 ago. 2011.

FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Separação: o doloroso processo de dissolução da conjugalidade. **Estudos de Psicologia**. Rio de Janeiro, p. 367-374, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/%0D/epsic/v8n3/19958.pdf>>. Acesso em: 28 ago. 2011.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Novo dicionário da língua portuguesa. 4 ed. Curitiba: Editora Positivo. 2009. p . 2120.

FORKERT, Renata. Mediação Familiar: recurso alternativo à terapia familiar na resolução de conflitos em famílias com adolescentes. 1998. Disponível em: <<http://www.productivedialogue.net/upload/publications/04022009164518.pdf>>.

GAGLIANO, Pablo Stolze. **A Nova Emenda do Divórcio**: Primeiras Reflexões. 2010. Disponível em: <http://scholar.googleusercontent.com/scholar?q=cache:sWdFydHdtrIJ:scholar.google.com/+1ei+do+div%C3%B3rcio+de+2010&hl=pt-BR&as_sdt=0,5>. Acesso em: 5 out. 2011.

GAZZANIGA, Michael S.; HEARTHERTON, Todd F. Ciência Psicológica: mente, cérebro e comportamento. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4 ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Número de Separações Judiciais e de divórcios continua crescendo.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/english/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=283&id_pagina=1>. Acesso em: 28 ago. 2011.

MALDONADO, Maria Tereza. **Casamento término e reconstrução:** O que acontece antes, durante e depois da separação. São Paulo: Integrade, 2009

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica** 4.ed.São Paulo: Atlas, 2004. p.15-43.

MONTEIRO, Pedro Augusto Ramirez. **Lazer e ciclo de vida:** Contribuição ao estudo de transformações no uso do tempo livre de jovens administradores de empresas residentes na cidade de São Paulo. Dissertação – Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2294/155026.pdf?sequence=2>>. Acesso em: 2 maio 2012.

MULLER, Fernanda Graudenz; BEIRAS, Adriano; CRUZ, Roberto Moraes. O trabalho do psicólogo na mediação de conflitos familiares: reflexões com base na experiência do serviço de mediação familiar em Santa Catarina. **Aletheia**, Canoas, n. 26, dez. 2007. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-03942007000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 21 set. 2011.

MÜLLER, Fernanda Graudenz. **Competências profissionais do mediador de conflitos familiares.** 2007. 171 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia)-Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007. Disponível em: <<http://fatorhumano.ufsc.br/files/2010/12/FERNANDA-GRAUDENZ-MÜLLER.pdf>>. Acesso em: 26 set. 2011.

NASCIMENTO, Deise Maria do; SANDRINI, Paulo Roberto; MACIEL, Saily Karolin. **Grupo de Mediação Familiar:** procedimento metodológico para realização das atividades de estágio do grupo de mediação.

NEVES, José Luiz. **Pesquisa Qualitativa:** Características, usos e possibilidades. Caderno de Pesquisas em Administração, São Paulo, v. 1, n. 3, 1996. Disponível em: <<http://www.ead.fea.usp.br/cad-pesq/arquivos/c03-art06.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2011.

NETO, Orestes Diniz; FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. Construção e Dissolução da Conjugalidade: Marcadores e Preditores. **Interação Psicologia**. Belo Horizonte, v.14, n. 2, p.245-254. Jun.2010. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/psicologia/article/viewArticle/15402>>. Acesso em: 21 set. 2011.

PRIBERAM, da Língua Portuguesa , 2010. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/dlpo.aspx?pal=Mediação>>. Acesso em: 14 out 2011.

SAAD, Martha Solange Scherer. **Casamento: A complexidade do conceito**. Disponível em: <http://www.mackenzie.br/fileadmin/Graduacao/FDir/Artigos_2008/CASAMENTO_a_complexidade_do_conceito_Martha_Saad.pdf>. Acesso em: 21 set. 2011.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; Lucio, Pilar Baptista. **Metodologia de Pesquisa**. 3 ed, São Paulo: McGraw-Hill, 2006. p. 412-527.

SCHABELL, Corinna. Relações Familiares na separação conjugal: contribuições da mediação. **Revista de Psicologia**. São Paulo, v. 7, n.1, p.13-20. Junho 2004. Disponível: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-36872005000100002&script=sci_arttext&tlng=en>. Acesso: 21 set. 2011.

SILVA, Isabela Machado da ; MENEZES, Clarissa Corrêa; LOPES, Rita de Cássia Sobreira. Em busca da “cara metade”: motivações para escolha do cônjuge. **Estudos de Psicologia**. Campinas, v. 27, n. 3, p.383- 391. Julho- set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v27n3/10.pdf>>. Acesso em: 21 set. 2011.
TAYLOR, Charles. **As fontes do self: A construção da idade moderna**. 2 ed., São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self: a construção da identidade moderna**. São Paulo: Edições Loyola. 1997. Disponível em: <http://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=h5kMHXh0-IAC&oi=fnd&pg=PA9&dq=identidade+humana&ots=DkW_zC3Wwj&sig=dhcj11CJdpq918HqDmtfOYCBbOY#v=onepage&q=identidade%20humana&f=false>. Acesso em: mar. 2012.

VITORELI, Eliane; PESSINI, Salete; SILVA, Maria Julia Paes da. A auto-estima de idosos e as doenças crônico-degenerativas. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**. Passo Fundo, p. 102-114, jan./jun. 2005. Acesso em: 23 maio 2012. Disponível em: <<http://www.upf.br/seer/index.php/rbceh/article/view/20/13>>.

WALLERSTEIN, Judith. BLAKESLEE, Sandra. As tarefas psicológicas do divórcio. **Sonhos e Realidade no Divórcio: Marido, mulher e filhos dez anos depois**. 1ed. São Paulo: Saraiva, 1991. p. 367-388.

APÊNDICE

APENDICE A – Instrumento de Coleta de Dados

Idade:

Sexo: ()Feminino ()Masculino

Divorciado a quanto tempo:

Pq optaram pela mediação?

1. Como os outros percebiam vocês, como um casal? (Casal divertido, casal triste, casal que brigava muito...)
2. Como os outros percebiam você?
A mediação auxiliou a refletir sobre si e sobre o divórcio?
3. Como você se percebia?
4. Que tipo de coisas vocês gostavam de fazer?
5. Quando estava casada como você imaginava o seu futuro?
6. Que tipo de coisas você não gostava de fazer enquanto casad@?
7. Deixou de fazer algo que gostava após o casamento: Por exemplo: visitar amigos, familiares, freqüentar algum lugar/local...
8. Como foi lidar com o processo do divórcio?
9. Como você se percebia no momento em que você se divorciou?
10. Logo após o divórcio quais eram os sentimentos em relação à separação?
11. Após o divórcio qual era a sua perspectiva de futuro? Mudou alguma coisa? Qual?
12. Hoje qual é a sua perspectiva de futuro? Como você se imagina daqui alguns anos?
13. Você percebe algum benefício com a separação, que coisas você acha que foi bom, ou que melhorou na sua vida após o divórcio?
- 14.. Que prejuízos ou coisas ruins que você considerou logo após a separação, o que você considera que piorou na sua vida, se é o que considera?
15. Como você avalia o SMF?
16. Que aspectos práticos na sua vida que você sentiu dificuldade logo após a separação? De que forma você conseguiu superar essas dificuldades?
17. No momento em que você estava participando do SMF como você se percebia? Como era pra você conversar sobre o divórcio, resolver questões práticas e legal.

18. Após participar do SMF como você estava se sentindo, se percebendo? Você acha que você “mudou” após a separação?

19. Você acha que o SMF contribuiu para resolver problemas pessoais relacionados ao divórcio?

20. Em que situações cotidianas que você acha que a mediação auxiliou ou não no modo como você tem dado continuidade na sua vida depois do divórcio?

APENDICE - B

UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
Av. José Acácio Moreira, 787 - Bairro Dehon - Cx. Postal 370
88704-900 - Tubarão - SC
Fone: (48) 621-3000

**DECLARAÇÃO DE CIÊNCIA E CONCORDÂNCIA DAS
INSTITUIÇÕES ENVOLVIDAS**

Local e data: Palhoça, outubro de 2011.

Com o objetivo de atender às exigências para a obtenção de parecer do Comitê de Ética em Pesquisa - CEP-UNISUL, os representantes legais das instituições envolvidas no projeto de pesquisa intitulado "A percepção de homens e mulheres que passaram pelo divórcio sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual" declaram estarem cientes e de acordo com seu desenvolvimento nos termos propostos, lembrando aos pesquisadores que na execução do referido projeto de pesquisa, serão cumpridos os termos da Resolução 196/96 e 251/97 do Conselho Nacional de Saúde.

Ass. Pesquisador responsável (UNISUL)
Carolina Bunn Bartilotti

Ass. do responsável pela Instituição (UNISUL)
(Paulo Sandrini)

Ass. do responsável da outra Instituição (Fórum de São José-SC)

APÊNDICE – C



UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA
COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA - CEP UNISUL

Cep.contato@unisul.br, (48) 3279.1036

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) para participar, como voluntário (a), em uma pesquisa que tem como título **“A percepção de sujeitos sobre a contribuição da Mediação Familiar no processo de reconstrução da identidade individual após o divórcio.”** Esta pesquisa é o Trabalho de Conclusão de Curso de Psicologia da acadêmica Nélida Silva Nunes e tem como objetivo **caracterizar a percepção de homens e mulheres que passaram pelo divórcio sobre a contribuição da mediação familiar no processo de reconstrução da identidade individual.**

É muito importante pesquisar a respeito desse assunto para os mediadores poderem repensar as suas práticas, ou até mesmo confirmar sobre as práticas já realizadas, além de poder ser verificado sobre outros benefícios, além dos já conhecidos, para quem participa do Serviço de Mediação Familiar. Também se faz importante pesquisar este assunto para que a prática da Mediação Familiar seja ampliada pelo estado, proporcionando um serviço alternativo ao Sistema Judiciário comum.

Esta pesquisa será realizada com pessoas que participaram do Serviço de Mediação Familiar para dissolução do vínculo conjugal. A sua participação consiste em responder a uma entrevista com 24 perguntas e tempo estimado de 60 minutos, as perguntas que serão feitas será sobre qual a função da mediação no processo de reconstrução da identidade individual, qual era a identidade de casal antes do divórcio e qual é o processo de reconstrução da identidade individual após o divórcio. A entrevista será gravada somente em áudio e será feita num lugar onde você possa sentir-se à vontade para responder as perguntas.

Depois o pesquisador fará a transcrição fiel da gravação evitando mudar o que você disser na entrevista.

Você não é obrigado (a) a responder todas as perguntas e poderá desistir de participar da pesquisa a qualquer momento (antes, durante ou depois de já ter aceitado participar dela ou de já ter feito a entrevista), sem ser prejudicado (a) por isso. Caso você se sinta desconfortável durante a entrevista é importante que você diga isso à pesquisadora para que ela possa auxiliá-lo.

Você poderá quando quiser pedir informações sobre a pesquisa ao (à) pesquisador(a). Esse pedido pode ser feito pessoalmente, antes ou durante a entrevista, ou depois dela, por telefone ou e-mail, a partir dos contatos do pesquisador que constam no final deste documento. Você poderá ter acesso aos dados da pesquisa através do site do Curso de Psicologia da UNISUL: <http://www.inf.unisul.br/~psicologia> .

Todos os seus dados de identificação serão mantidos em sigilo e a sua identidade não será revelada em momento algum. Em caso de necessidade, serão adotados códigos de identificação ou nomes fictícios. Dessa forma, os dados que você fornecer serão mantidos em sigilo e, quando utilizados em eventos e artigos científicos, assim como em campanhas de prevenção, a sua identidade será sempre preservada.

Lembramos que sua participação é voluntária, o que significa que você não poderá ser pago, de nenhuma maneira, por participar desta pesquisa.

Autorizo gravação de voz

Não autorizo gravação de voz

Eu, _____, abaixo assinado, concordo em participar desse estudo como sujeito. Fui informado(a) e esclarecido(a) pela pesquisadora Nélida Silva Nunes sobre o tema e o objetivo da pesquisa, assim como a maneira como ela será feita e os benefícios e os possíveis riscos decorrentes de minha participação. Recebi a garantia de que

posso retirar meu consentimento a qualquer momento, sem que isto me traga qualquer prejuízo.

Nome por extenso: _____

RG: _____

Local e Data: _____

Assinatura: _____

Pesquisador Responsável: Carolina Bunn Bartilotti

Telefone para contato: (48) 3279-11-55

Outros Pesquisadores: Nélida Silva Nunes

e-mail: nelidanunes@hotmail.com

Telefone para contato: (48) 3279-11-55